



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS APLICADAS – CCEA**  
**CAMPUS VII – GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ**

**VERLÂNDIA RODRIGUES XAVIER**

**A CRIANÇA E OS RISCOS DO MUNDO VIRTUAL**

**PATOS – PB**

**2016**

**VERLÂNDIA RODRIGUES XAVIER**

**A CRIANÇA E OS RISCOS DO MUNDO VIRTUAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Computação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Computação.

**Orientador: Pablo Ribeiro Suárez**

**PATOS – PB**

**2016**

X3c Xavier, Verlândia Rodrigues

A criança e os riscos do mundo virtual [manuscrito] /  
Verlândia Rodrigues Xavier. - 2016.

76 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Computação)  
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e  
Sociais Aplicadas, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Pablo Ribeiro Suárez, CCEA".

1. Criança. 2. Mundo virtual. 3. Crimes virtuais. I. Título.

21. ed. CDD 004.678

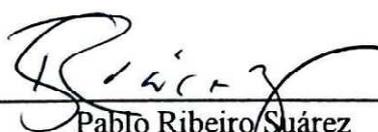
Verlândia Rodrigues Xavier

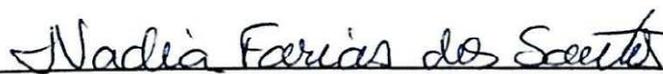
## A CRIANÇA E OS RISCOS DO MUNDO VIRTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Computação da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do grau  
de Licenciado em Computação

Aprovado em 18 de outubro de 2016

### BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Pablo Ribeiro Suárez  
(Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Nádia Farias dos Santos  
(Examinadora)

  
\_\_\_\_\_  
Pablo Roberto Fernandes de Oliveira  
(Examinador)

## **DEDICATORIA**

Dedico este trabalho a todos aqueles que lutam pela vida e pela preservação da infância em sua plenitude, buscando garantir os direitos das crianças, protegendo-as de tudo o que possa ser prejudicial ao seu desenvolvimento moral, social, psicológico, físico e espiritual.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor e Salvador, meu Deus e meu Amor, pelo dom da vida e pela oportunidade única de realizar esse sonho que Ele mesmo plantou em meu coração. Pela minha família e por cada pessoa que Ele colocou em minha vida como canal de seu amor e de sua graça para tornar os meus dias mais cheios de Sua Luz Divina.

A minha Mãe Maria Santíssima e a seu digníssimo esposo São José, por toda a intercessão e proteção.

A minha família, meus pais Verônica e Alfredo que mesmo diante das dificuldades da vida souberam me amar e educar para o bem e para o amor. Proporcionando a nós filhos as oportunidades que não tiveram e zelando sempre por nossa conduta e formação. Aos meus irmãos Danilo e José Carlos que estão sempre ao meu lado e que me dedicam tempo e carinho.

Aos meus avós Francisca e Nilo, Cícero e Maria (*in Memoriam*) que são para mim grandes guerreiros, pessoas provadas nas grandes lutas da vida.

A minha tia Zuleida por todo o incentivo e por toda a força que sempre encontrei em suas palavras, por cada motivação e por sempre acreditar em mim.

Aos meus amigos de todas as horas, aqueles que sorriem com meu sorriso e também aqueles que emprestam o ombro para as minhas lágrimas rolarem. Meus companheiros e meus irmãos.

A todos os meus colegas de sala e em especial aqueles que mais me compreenderam nas minhas limitações, aos que lutaram ao meu lado e comigo chegaram ao final de mais uma meta vencida em nossas vidas.

A todos os jovens que compõem o Grupo de Oração Universitário Rainha da Paz.

Ao meu orientador Pablo Ribeiro por sua gentileza e por sua dedicação em me orientar e me ajudar nessa fase de formação e crescimento profissional.

Aos professores que nos cativaram e acreditaram em nosso potencial.

A todos os que fizeram desse tempo um momento de aprendizado na minha vida e um espaço para construir amizades e laços fraternos e duradouros que levarei comigo guardados em meu coração.

“Não me cabe conceber nenhuma necessidade tão importante durante a infância de uma pessoa que a necessidade de sentir-se protegido por um pai.” Sigmund Freud

## RESUMO

Com a expansão da internet e sua incorporação no ambiente familiar associado ao avanço e a popularização dos dispositivos móveis, a infância ganha um novo cenário. As brincadeiras típicas dessa fase são substituídas, em sua maioria, por jogos, conversas e interações com o mundo virtual. As possibilidades de diversão e de apropriação de novos conhecimentos ganha uma dimensão que ultrapassa limites e continentes, conduzindo a criança a vivenciar experiências com o mundo e suas diferentes culturas e, como não poderia ser diferente, a estarem propícias a riscos que circundam a convivência nesse espaço virtual. Diante disso este trabalho busca analisar quais os possíveis riscos que as crianças estão sujeitas com à alta exposição ao mundo virtual e suas ferramentas. Para isso foi investigado um público alvo que era composto por crianças de 09 a 11 anos, para coletar os dados foi utilizado um questionário composto por questões de múltiplas escolhas e uma questão aberta. A partir da análise dos dados foi possível constatar inúmeros fatores de risco que podem indicar a possibilidade da ocorrência de crimes virtuais para com as crianças. Com isso foi possível identificar riscos e levantar propostas de segurança e de proteção para com as crianças diante da utilização da internet e da sua exposição no ciberespaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criança. Mundo virtual. Crimes virtuais.

## **ABSTRACT**

With the expansion of the Internet and its incorporation into the family environment associated with the advancement and popularity of mobile devices, the childhood gets a new scenario. Typical games of this phase are replaced, mostly, by games, conversations and interactions with the virtual world. The possibilities for fun and new knowledge appropriation gains a dimension that goes beyond boundaries and continents, leading the child to live experiences with the world and its different cultures and, as it could not be different, to take risks that surround the coexistence in that virtual space. So this work searches to analyze what the potential risks children are subjected by the high exposure to the virtual world and its tools. For that, a group consisted of children from 09-to 11 years old, and a questionnaire to collect the data was used with questions of multiple choices and an open question. From the data analysis it was possible to identify several risks factors that may indicate the possibility of the occurrence of cybercrimes against children. It was possible to identify risks and raise security and protection proposals to children on the use of the Internet and its exposure in cyberspace.

**KEYWORDS:** Child. Virtual world. cybercrimes.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – A criança na Mediapolis: riscos.....	17
<b>Quadro 2</b> - Principais sinais de alerta para problemas comportamentais e riscos de uso digital.....	28
<b>Quadro 3</b> - População até 12 anos de idade, segundo a faixa de idade.....	32
<b>Quadro 4</b> - Domicílios particulares com utilização da Internet por meio de microcomputadores e somente por meio de outros equipamentos – Brasil – 2004/2013.....	33
<b>Quadro 5</b> - Questionário aplicado como ferramenta de coleta de dados.....	35
<b>Quadro 6</b> - Parte externa do folder .....	66
<b>Quadro 7</b> - Parte interna do folder.....	67

## **LISTA DE SIGLAS**

TICs – Tecnologia de Informação e Comunicação

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

TOC – Transtorno Obsessivo Compulsivo

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idades dos entrevistados.....	37
Gráfico 2: Quantidade de meninos e meninas.....	38
Gráfico 3: Quais os equipamentos tecnológicos que você tem?.....	39
Gráfico 4. Dispositivos móveis distribuídos por faixas etárias.....	40
Gráfico 5. Dispositivos móveis distribuídos por meninos e meninas.....	41
Gráfico 6. Quanto ao acesso a internet e ao uso do wifi em casa.....	42
Gráfico 7. Total de meninos e meninas que tem acesso a internet separados por idades e sexo.....	43
Gráfico 8. Seus pais olham as coisas que você faz na Internet?.....	43
Gráfico 9. Nível de monitoramento dos pais com base nas faixas etárias.....	44
Gráfico 10. Quantidade de crianças que não são monitoradas pelos pais no uso da internet (por meninos e meninas).....	45
Gráfico 11. Você se sentiria incomodado se seus pais observassem tudo que você faz enquanto está na Internet?.....	46
Gráfico 12. Quantidade de crianças que se sentem incomodadas se seus pais observassem tudo que fazem enquanto está na Internet (dividido por idade).....	47
Gráfico 13. Você se sentiria incomodado se seus pais observassem tudo que você faz enquanto está na Internet.....	47
Gráfico 14. Crianças que não são monitoradas pelos pais e não se sentiriam a vontade com esse cuidado (dividido por faixa etária e sexo).....	48
Gráfico 15. Em qual parte da casa você mais gosta de ficar quando está usando a Internet?.....	49
Gráfico 16. Partes da casa em que a criança mais gosta de ficar quando está usando Internet (dividido por faixa etária).....	50
Gráfico 17. Partes da casa em que a criança mais gosta de ficar quando está usando Internet (dividido por gênero).....	51
Gráfico 18. Redes sociais que as crianças mais usam.....	52
Gráfico 19. Uso de redes sociais por faixa etária.....	52
Gráfico 20. Uso de redes sociais por meninos e meninas.....	53
Gráfico 21. Crianças que conversam ou já conversaram com pessoas que elas só conhecem nas redes sociais (por faixa etária).....	54
Gráfico 22. Crianças que conversam ou já conversaram com pessoas que elas só conhecem nas redes sociais (por sexo).....	55
Gráfico 23. Crianças que jogam online.....	56
Gráfico 24. Crianças que gostam de jogar online (por faixa etária).....	57
Gráfico 25. Crianças que gostam de jogar online (por meninos e meninas).....	57
Gráfico 26. Você conversa com as pessoas com quem você joga online?.....	58
Gráfico 27. Quantidade de crianças que conversam com seus competidores durante jogos online (por faixa etária) .....	58
Gráfico 28. Quantidade de crianças que conversam com seus competidores durante jogos online (por meninos e meninas).....	59
Gráfico 29. Alguma das pessoas que você conversa online já pediu fotos suas?...	60
Gráfico 30. Alguma das pessoas que você conversa online já pediu fotos suas?	

(por faixa etária).....	60
Gráfico 31. Alguma das pessoas que você conversa online já pediu fotos suas? (por meninos e meninas).....	61
Gráfico 32. Já receberam ou visualizaram algum conteúdo pornográfico em alguma rede social postado por algum amigo?.....	61
Gráfico 33. Já receberam ou visualizaram algum conteúdo pornográfico em alguma rede social postado por algum amigo? (por faixa etária).....	62
Gráfico 34. Você já foi vítima de bullying ou de preconceito na internet?.....	63
Gráfico 35. Você já foi vítima de bullying ou de preconceito na internet? (por faixa etária).....	64
Gráfico 36. Você já foi vítima de bullying ou de preconceito na internet? (por meninos e meninas).....	64
Gráfico 37. Você acredita que a Internet pode ser perigosa?.....	65

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1 PROBLEMÁTICA .....	14
1.2 OBJETIVOS .....	14
1.2.1 Geral: .....	14
1.2.2 Específicos:.....	14
1.3 JUSTIFICATIVA .....	15
1.4 ESTRUTURAÇÃO DO ESTUDO.....	15
<b>2. ESTADO DA ARTE</b> .....	16
2.1 CONTEÚDO ILEGAL E PERNICIOSO .....	18
2.2 PEDÓFILO, ESTRANHO, PERVERTIDO .....	19
2.3 VIOLÊNCIA EXTREMA OU SEXUAL.....	20
2.4 CONTEÚDO OFENSIVO E PREJUDICIAL.....	21
2.5 MATERIAL E ATIVIDADES RACISTAS E INTOLERANTES, PRECONCEITO E INFORMAÇÃO SEM QUALIDADE.....	22
2.6 MARKETING E PUBLICIDADE SUBREPTÍCIAS .....	23
2.7 MANIPULAÇÃO DE INFORMAÇÕES PESSOAIS, CASSINOS, GOLPES, PHISHING (FRAUDES DIGITAIS).....	24
2.8 CYBERBULLYING E ASSÉDIO DIGITAL .....	25
2.9 DANOS AUTOINFLIGIDOS (SUICÍDIO, ANOREXIA) .....	26
2.10 INVASÕES E ABUSO DE PRIVACIDADE .....	27
2.11 ATIVIDADES ILEGAIS (HACKERS E PIRATAS) .....	28
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	30
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	36
<b>5 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS</b> .....	68
5.1 Contribuições .....	69
5.2 Limitações.....	69
5.3 Trabalhos futuros .....	69
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70

## 1. INTRODUÇÃO

Este capítulo versa sobre a descrição geral sobre o tema abordado para estudo, sendo subdividido em pontos que orientam e norteiam o desenvolvimento e a realização da pesquisa como, por exemplo, a problemática, os objetivos, a justificativa e a estruturação do trabalho. Para isso foram estudadas diferentes pesquisas e diversos autores que foram de grande importância para a fundamentação de todo o presente trabalho por se tratarem dos temas relacionados a criança e ao ciberespaço.

O mundo virtual cresce de maneira progressiva e rápida, confundindo os limites com o mundo real no dia-a-dia das crianças e dos adolescentes. Para Morgenstern e Tissot (2015)

“A internet é vista como um meio de comunicação que interliga dezenas de milhões de computadores no mundo inteiro e permite o acesso a uma quantidade de informações praticamente inesgotáveis, anulando toda distância de lugar e tempo”.

A internet, o celular e as novas ferramentas tecnológicas da informação vão transformando comportamentos e relacionamentos com a família, os amigos e com as inúmeras possibilidades de conhecer o mundo sem sair de casa (EISENSTEIN E ESTEFENON, 2011). Ainda para os autores citados anteriormente, o espaço cibernético, o mundo virtual e a crescente velocidade da informação e comunicação se tornaram o espaço realmente atrativo onde todos aprendem, brincam, brigam, namoram, terminam. Ou seja, o mundo virtual passou a ser o “lugar vivo de verdade”, usando a expressão dos autores citados anteriormente.

Ao passo que novas formas de se relacionar com o mundo vão crescendo e se disseminando de maneira rápida e sem limites, o relacionamento com o real e palpável vai se esvaindo. Para muitos é sempre mais divertido conhecer e se relacionar com diferentes pessoas e culturas, conhecer novos hábitos e viajar pelo mundo online. A fuga para outra realidade, ou mesmo a busca por diversão e entretenimento, tem levado muitas crianças a se tornarem reféns de seus celulares, tablets ou computadores, esse público sociologicamente denominado como geração Alfa, demonstram ser mais independentes e habilidosos.

Para Toledo (2012) caberá à geração alfa a dinâmica do futuro, pois o mundo tende a ser cada dia mais conectado, os acessos a outros países acabam sendo mais facilitados com as crescentes formas de comunicação, sendo superadas também as barreiras do idioma pelo maior conhecimento do inglês.

## 1.1 PROBLEMÁTICA

Diante da realidade mostrada acima, este trabalho mostra-se de fundamental importância já que apresenta de forma clara e sucinta os riscos e os perigos que as crianças podem sofrer ao estarem expostas inadequadamente a rede mundial de computadores, já que os riscos podem ser de diferentes formas e proporções, tornando-se verdadeiros pesadelos para as crianças e para os que são responsáveis por elas. Considerando o fato de que a tecnologia móvel está cada dia mais inserida no contexto familiar e com ela a internet passa a ser uma fonte de diversão e entretenimento para muitos, especialmente as crianças, e junto com ela estão presentes toda a vulnerabilidade trazida pelo uso incorreto e descuidado do ciberespaço.

## 1.2 OBJETIVOS

Para o desenvolvimento deste estudo foram estabelecidos objetivos que nortearam os caminhos da pesquisa para que melhor seja analisado e investigado o tema proposto, os objetivos se dividem em dois: geral e específico.

### 1.2.1 Geral:

O objetivo geral trata da principal meta desta pesquisa, trazendo o foco que guiou os processos metodológicos para a obtenção dos melhores resultados, sendo essa:

- Analisar quais os possíveis riscos que as crianças estão sujeitas com a alta exposição ao mundo virtual e suas ferramentas.

### 1.2.2 Específicos:

Para que o propósito do estudo fosse alcançado foram necessárias as seguintes tarefas:

- Realizar um estudo bibliográfico a cerca do contato de crianças com o mundo virtual;
- Identificar e elencar possíveis riscos do uso indevido da internet por parte das crianças;
- Descrever os principais crimes cometidos contra crianças na rede mundial de computadores;
- Definir critérios de identificação do perfil das crianças a serem entrevistadas;
- Aplicar questionários para coletar dados referentes à pesquisa;
- Quantificar e tabelar os dados obtidos para apresentação;
- Apresentar os resultados obtidos de forma que sejam expostos por faixa etária e gênero;
- Criar, a partir dos dados obtidos, um produto de conscientização que será destinado a pais e educadores.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Com base em uma sociedade consumista e altamente apegada a dispositivos móveis cada dia mais arrojados e evoluídos e com a inserção em massa desses dispositivos no convívio familiar dos indivíduos, este estudo vem colaborar no processo investigativo no que se refere aos crimes cometidos no mundo virtual e suas características.

O presente estudo encontrou sua importância no fato de apresentar de forma objetiva os principais tipos de crimes que podem ocorrer no mundo virtual, assim como seus conceitos e seus danos ao indivíduo. Além da análise de fatores de riscos com base nos dados coletados com o auxílio de crianças que possivelmente estão expostas, caso não haja um monitoramento seguro e principalmente por parte dos pais e responsáveis por essas crianças.

### 1.4 ESTRUTURAÇÃO DO ESTUDO

Nos capítulos seguintes o presente estudo foi estruturado da seguinte forma: Estado da arte, onde foi estabelecida a síntese da literatura estudada para se obter uma base teórica que atenda as necessidades deste trabalho no que se refere aos conhecimentos científicos e as diferentes pesquisas e estudos já realizados na área da infância e suas interações com o mundo

e/ou na área dos crimes virtuais; Metodologia, onde foram sequenciados os passos utilizados para a coleta e a análise dos dados, assim como a identificação da ferramenta de coleta e suas possibilidades; Resultados e discussões, no qual se apresentou as informações coletadas na pesquisa, assim como a análise detalhada das informações com base no público alvo e suas particularidades; Conclusões e perspectivas, espaço dedicado às considerações a cerca do presente estudo, suas contribuições e possibilidades para trabalhos futuros.

Este capítulo apresentou em seu contexto a importância do estudo sobre o tema proposto, assim como os objetivos a serem alcançados na pesquisa assim como sua problemática que estabeleceram diretrizes e metas para direcionarem a pesquisa.

## **2. ESTADO DA ARTE**

Neste capítulo foi contextualizada uma variedade de literaturas a cerca da infância e do mundo virtual, sendo agrupadas diferentes opiniões de diversos estudiosos sobre o tema proposto para estudo de uma maneira coesa e lógica.

A geração Z, que é uma definição sociológica para a geração nascida no final da década de 90, também conhecida como “nativos digitais” nasceu na época da popularização das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação). A geração Alpha refere-se aos nascidos após 2010, época da popularização dos smartphones e dos tablets. É uma geração conectada ao mundo virtual e a seus crescentes avanços tecnológicos e recursos diversos, além de possibilidades quase infinitas de interação, entretenimento e diversão.

Para analisar a crescente conectividade da geração intermediária entre as gerações Z e Alpha foram realizados diferentes estudos a cerca dos possíveis benefícios e riscos que podem surgir a partir do contato, principalmente de crianças, com a rede mundial de computadores sem que haja um devido cuidado e uma preocupação maior com os dados pessoais que são disponibilizados na rede. As questões de segurança na utilização da internet têm sido debatidas e analisadas de diferentes ângulos e possibilidades.

Na visão de muitos usuários o ciberespaço proporciona o acesso a diferentes oportunidades de estabelecer novos fluxos comunicacionais, o que facilita o contato com pessoas de diversos lugares e costumes. No entanto, para outros o ciberespaço é um território sem lei, um espaço a parte, fora de qualquer censura social o que possibilitaria o

estabelecimento de redes invisíveis de criminalidade. E é justamente essa forma de compreensão do ciberespaço que preocupa estudiosos do tema, já que a partir dela tem se disseminado atos de violação de direitos de crianças e adolescentes (SILVA & VERONESE, 2009).

Na visão de Ferreira (2005), podem-se conceituar crimes digitais como atos contra um sistema de informática, sendo eles contra o computador ou contra os dados e programas de computador. Podem ainda serem considerados crimes digitais ações cometidas por meio de um sistema de informática e dentro deles inclusos infrações contra a liberdade do indivíduo, contra sua propriedade imaterial ou contra seu patrimônio. Na visão de Dias (2014) a discussão relacionada aos crimes cibernéticos se torna muito importante diante do fato de que a evolução tecnológica, em especial a internet, tornou-se o meio principal de comunicação e tráfego de informações, transformando o cotidiano da sociedade contemporânea.

De acordo com a Lei nº 12.737/2012 em seu artigo 2º com o acréscimo do art. 154 - A que trata sobre invasão de dispositivo informático, afirma que: “Invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita: Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.”

Para lidar com tais crimes foram criadas delegacias específicas para tratarem dos crimes virtuais, a questão é que nem sempre essas delegacias dispõem de formação e capacitação, além de todo um aparato tecnológico para se chegar aos criminosos.

Porém os riscos do acesso de crianças a internet podem ser de diferentes formas e contextos, como afirma Livingstone (2009) todas as questões referentes à infância agora se colocam perante um universo advindo da integração da infância à internet. A infância on-line acarreta riscos e oportunidades cujo entendimento é essencial, assim como a análise e criação de novas metodologias mediadas por tecnologias de informação e comunicação. O **Quadro 1** a seguir apresenta possíveis crimes que podem afetar a criança no mundo virtual.

#### **Quadro 1: A criança na Mediapolis: riscos**

Conteúdo ilegal e pernicioso
Pedófilos, estranhos e perversos
Violência extrema ou sexual

Conteúdo ofensivo e prejudicial
Materiais e atividades racistas e intolerantes
Marketing e publicidade subreptícias
Preconceito e informação sem qualidade
Manipulação de informações pessoais
Cyberbullying e assédio digital
Cassinos, golpes e phishing (fraudes digitais)
Danos autoinfligidos (suicídio, anorexia)
Invasões e abusos de privacidade
Atividades ilegais (hackers, piratas)

Fonte: adaptado de Livingstone (2009)

Para a melhor compreensão desse tema apresenta-se a seguir o detalhamento dos possíveis crimes, assim como suas definições, e em alguns casos artigos relacionados à legislação vigente no Brasil no que se refere a alguns desses crimes aos quais estas crianças estão propensas com base nos estudos de Livingstone (2009).

## 2.1 CONTEÚDO ILEGAL E PERNICIOSO

Muitos pais educam seus filhos e os ensinam a ter uma conduta baseada na moral e na decência, mas quando o assunto gira em torno de conteúdos seguros na internet a maioria dos pais não sabem como orientá-los e afastá-los de informações prejudiciais que rondam a rede mundial de computadores. Para reduzir os crimes e proteger-se, é importante adotar posturas de caráter preventivo e incorporar hábitos de atenção à segurança, independente de local, tecnologia ou meio utilizado pela criança (ZUBEM, 2015).

Um conteúdo é considerado ilegal quando seu teor viola a legislação em vigor no país em que esse conteúdo está devidamente armazenado. Tais conteúdos podem ser de diferentes formas e contextos, em sua maioria são direcionados a apologia a violência, ao racismo ou voltados a pedofilia.

## 2.2 PEDÓFILO, ESTRANHO, PERVERTIDO

No Brasil a pedofilia é considerada crime hediondo podendo haver reclusão dos culpados, quando esse crime é cometido através da internet à condenação dos acusados é de alta complexidade por se tratar de uma rede mundial de computadores. Para esse fim foi criada a Lei nº 11.829, de 25 de novembro de 2008, que altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) buscando aprimorar o combate à produção, venda e distribuição de pornografia infantil, assim como criminalizar a posse e a aquisição de tal material, além de outras condutas relacionadas à pedofilia na internet. Tal lei deixa claros os seguintes pontos:

“[Art. 240.](#) Produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente:

Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa.

§ 1º Incorre nas mesmas penas quem agencia, facilita, recruta, coage, ou de qualquer modo intermedeia a participação de criança ou adolescente nas cenas referidas no caput deste artigo, ou ainda quem com esses contracena.

§ 2º Aumenta-se a pena de 1/3 (um terço) se o agente comete o crime:

I – no exercício de cargo ou função pública ou a pretexto de exercê-la;

II – prevalecendo-se de relações domésticas, de coabitação ou de hospitalidade; ou

III – prevalecendo-se de relações de parentesco consanguíneo ou afim até o terceiro grau, ou por adoção, de tutor, curador, preceptor, empregador da vítima ou de quem, a qualquer outro título, tenha autoridade sobre ela, ou com seu consentimento.” (NR)

“[Art. 241.](#) Vender ou expor à venda fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente:

Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa.” (NR)

A legislação ainda adverte no Art. 241–A do ECA “Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistemas de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: Pena – reclusão, de três a seis anos, e multa”.

As leis brasileiras se mostram nesse contexto de forma rígida e bem elaborada, porém é justamente a identificação dos criminosos que se torna o papel mais difícil como relatam Martins e colaboradores (2007), a internet facilitou a proliferação de práticas ilícitas na rede

mundial de computadores, sendo difícil para a legislação do Brasil conseguir acompanhar a velocidade com que os crimes se propagam, ficando um campo vasto, e em boa parte dos casos impune, para pedófilos atuarem tendo em vista a facilidade de divulgação e comercialização de materiais pornográficos infantis.

Embora a lei tenha sido estabelecida após a fala dos autores mencionados anteriormente, ainda é visível que mesmo havendo esse conjunto de normas direcionadas a pedofilia na internet os casos onde estranhos se infiltram nas redes sociais e nos chats para encontrarem suas vítimas tem sido uma prática dos dias atuais e com tendências ao crescimento devido ao grande número de crianças conectadas e desprovidas de segurança em rede.

### 2.3 VIOLÊNCIA EXTREMA OU SEXUAL

A violência sexual refere-se a atos praticados contra o direito sexual do indivíduo no que se refere ao abuso e a exploração do corpo ou da sexualidade. Quando esse tipo de violência é praticado contra crianças e adolescentes se caracteriza como o envolvimento dos menores com uma pessoa mais velha ou maior, em que a criança seja usada como objeto sexual com o fim de satisfazer as necessidades ou os desejos dos adultos, sendo a criança incapaz de consentir tal ato devido ao desequilíbrio seja de poder, mental ou físico.

Diante dos índices de pedofilia virtual já se escuta falar o termo ciberestuprador, Segundo Sanderson (2005) é um tipo de pedófilo predatório nas suas intenções tendo como objetivo convencer crianças a participar de uma atividade sexual de forma online, para alcançar tal objetivo o mesmo faz uso de controle e violência, buscando de forma rápida uma oportunidade de atraí-la sem levar tempo em conhecê-la.

De acordo com a Lei nº 11.829 (BRASIL, 2008) é considerado crime

[Art. 241-D.](#) Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso:

Pena – reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.

Parágrafo único. Nas mesmas penas incorre quem:

I – facilita ou induz o acesso à criança de material contendo cena de sexo explícito ou pornográfica com o fim de com ela praticar ato libidinoso;

II – pratica as condutas descritas no caput deste artigo com o fim de induzir criança a se exhibir de forma pornográfica ou sexualmente explícita.

[Art. 241-E.](#) Para efeito dos crimes previstos nesta Lei, a expressão “cena de sexo explícito ou pornográfica” compreende qualquer situação que envolva criança ou adolescente em atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas,

ou exibição dos órgãos genitais de uma criança ou adolescente para fins primordialmente sexuais.”

O ciberestupro pode acontecer de forma rápida e violenta já que a criança pode se sentir intimidada e indefesa, a vergonha ou o medo de contar para um adulto sobre os assédios pode fazer com que o caso se repita por mais vezes. Além dos casos em que a criança ou o adolescente pode ser exposto aos riscos das fantasias, das grandes decepções e serem expostos ainda a sites que incitam à violência, drogas e prostituição, redes de tráfico nacional e internacional de pessoas, pornografia e sexo virtual compulsivo (EISENSTEIN E ESTEFENON, 2011).

#### 2.4 CONTEÚDO OFENSIVO E PREJUDICIAL

A internet tornou-se um campo vasto de entretenimento para crianças e adolescentes, diante disso surgem as preocupações dos pais em relação à categoria e ao tipo de informação que os filhos possam estar tendo acesso. É certo que alguns conteúdos disponibilizados na internet são prejudiciais ao desenvolvimento da criança no que se refere a fatores psicológicos e sexuais, já que muitas vezes elas estão expostas ao contato com pessoas de má conduta e com intenções nada corretas.

Na rede mundial de computadores as crianças podem ter acesso a diferentes informações e conteúdos dispostos sem o menor controle de acesso, tais conteúdos atingem a criança que dependendo da curiosidade, característica comum da infância, pode se envolver em situações embaraçosas e que não condizem com sua atual visão de mundo, de realidade e valores. De acordo com Schwartz (2013), ser criança se caracteriza cada vez mais como um desafio em meio a responsabilidades e incertezas antecipadas e futuras, forçando assim as mesmas a lidarem com situações de risco e insegurança do próprio status no passo em que os valores começam a perder o sentido na família e na comunidade.

É comum encontrar na internet conteúdos ofensivos a criança, não há uma restrição geral em torno do que pode ou não ser visto por ela. Conteúdos que passam despercebidos por muitos adultos, pais e responsáveis, para uma criança torna-se uma fonte prejudicial de falsos valores, interpretações erradas da realidade e da sociedade, conceitos e posicionamentos complicados de serem discernidos pela mente da criança.

## 2.5 MATERIAL E ATIVIDADES RACISTAS E INTOLERANTES, PRECONCEITO E INFORMAÇÃO SEM QUALIDADE

Segundo Melo (2010) entende-se que racismo, como um crime virtual, é a conduta típica fundamentada em critérios racistas quando realizada por meio da rede mundial de computadores e verificável pelas normas ou termos práticos. Ou seja, significa que se faz uso dos meios informáticos das redes para se praticar a conduta criminosa de discriminação ou preconceito racial.

Com o avanço das comunicações os crimes relacionados ao racismo também se difundem de forma crescente e muitas vezes desordenada devido ao grande fluxo de informações disponibilizadas na rede.

Na visão de Zuben (2015) é preciso respeitar as restrições de idade estabelecidas pelas redes de acesso social as quais estão associados alguns riscos, como nesses ambientes virtuais não há um controle em relação ao que as pessoas divulgam, as crianças podem se deparar com conteúdos, mensagens ou imagens de cunho pornográfico, violento ou que estimulem o ódio e o racismo.

Por não ter ainda uma visão crítica já formada e bem estruturada a cerca do mundo e dos seus problemas, a criança pode assimilar essas concepções de violência e racismo como verdadeiras e trazer para o seu dia-a-dia em ações e posturas inadequadas a infância e ao bem comum.

Para Cruz (2012) é necessário haver tolerância e respeito referentes à utilização e qualidade das informações produzidas por usuários de redes sociais, onde essas informações são compartilhadas e podem ser buscadas, pois é o usuário quem julga o que é pertinente a ele e que pode ser alterado de acordo com os próprios interesses do usuário.

No território vasto da internet a criança pode ter contato com informações que não são benéficas ao seu desenvolvimento, como frases e expressões preconceituosas ou informações sem garantia de veracidade, a sua assimilação ou a tomada de tais informações como verdadeiras e corretas acarreta uma infinidade de prejuízos para as crianças, gerando assim adultos que não respeitam a igualdade de direitos entre todos.

## 2.6 MARKETING E PUBLICIDADE SUBREPTÍCIAS

A abusividade da publicidade direcionada à criança acontece por conta de um aproveitamento de sua ingenuidade, já que a maioria das crianças acredita realmente que possuindo aquele produto que aparece na propaganda vão encontrar nele todos os benefícios e prazeres prometidos pela publicidade.

Na visão de Montigneaux (2003), a criança atraiu novas realidades no seio familiar, desempenhando um importante posto na sociedade consumista, participando nas decisões relacionadas ao consumo, o que não se limita em produtos, que esta utiliza, mas também os que a família faz uso.

Como a criança possui mais tempo livre que os adultos ela acaba tendo mais contato com as ferramentas da internet do que os demais membros da casa, tal possibilidade faz com que ela se depare constantemente com propagandas de produtos dos mais variados tipos e gostos.

Para Henriques (2006) a publicidade atua como promotora de um produto específico, exclusivamente para venda, incitando o público à aquisição de algum bem, fazendo uso para isto de apelos emocionais. O que é considerada uma forma persuasiva de preferências e de criação de necessidades, além do esperado, sendo este o motivo pelo qual a publicidade ganha o aspecto de abusiva.

É cada dia mais comum alguns comerciais que apresentam ao público infantil produtos e mais produtos, que supostamente, as farão felizes e trarão inúmeras possibilidades de diversão ou de autoestima ou quem sabe até de se assemelhar a um determinado personagem.

Segundo Karageorgiadis e Toledo (2015), em vez das empresas auxiliarem na proteção das crianças elas aproveitam os interesses que os pequenos demonstram pelo conhecimento, a tecnologia e o entretenimento para apresentar seus serviços e produtos por meio de sites que de início só parecem ter objetivos educacionais e lúdicos. Dessa forma vários produtos são apresentados à criança, desde gêneros alimentícios até brinquedos, são apresentados em meio a jogos, vídeos, sites infantis, na forma de advergames (propaganda e videogame) onde as empresas conseguem disfarçar seus propósitos mercadológicos e fixam na memória das crianças o nome e a imagem da marca relacionada a conteúdos positivos.

## 2.7 MANIPULAÇÃO DE INFORMAÇÕES PESSOAIS, CASSINOS, GOLPES, PHISHING (FRAUDES DIGITAIS)

De acordo com Mori (2010) com a utilização da internet vão surgindo novas questões a serem analisadas, como é o caso das comunicações pessoais, do manuseio de dados e do cruzamento de informações de diferentes bancos de dados. Existem hoje várias agências de informações que foram criadas para vender informações relacionadas a qualquer coisa, com isso mostra-se o quanto a internet é uma ferramenta perigosa, se não for utilizada devidamente para a prevenção da esfera pessoal do sujeito.

Por isso o cuidado na utilização da internet deve ser primordial para um adulto, para uma criança então acaba sendo algo de extrema importância, além é claro de um monitoramento feito por pessoas adultas e responsáveis que as prevenirá de possíveis problemas de perda ou roubo de informações.

Segundo Morgenstern e Tissot (2015) “o termo phishing é originado da palavra inglesa fishing, que significa pescar, ou seja, é a conduta daquele que pesca informações sobre o usuário de computador. É um tipo de fraude eletrônica, onde o golpista busca obter informações pessoais do usuário”.

Na visão de Sêmola (2007) as fraudes ocorrem pela coexistência de três fatores determinantes: a existência de golpistas determinados; a disponibilidade de vítimas adequadas e vulneráveis; e a ausência de controles de fraudes eficazes. Infelizmente, as crianças postam indevidamente em suas páginas algumas informações que podem torna-las vulneráveis a algumas “pegadinhas” aparentemente inocentes, mas que podem levar ao cyberbullying, ao phishing e a outros tipos de ameaças na visão de Guzzi (2015).

Muitos dos crimes cometidos on-line se devem por conta da curiosidade ou da falta de atenção do usuário, no caso do phishing sua incidência ocorre mais pelo descuido dos usuários do que pela inteligência criminoso empregada pelos fraudadores.

Em virtude da expansão da internet, a exposição dos usuários gera interesses e possibilita a prática de crimes no ciberespaço. Tais crimes podem ocorrer de diversas formas e em diversos lugares, sendo um ato criminoso envolvendo computadores e redes de internet. Destinada a tipificar estes crimes, entrou em vigor a Lei dos Crimes Virtuais– Carolina Dieckmann, Lei 12.737 de 2012.

Para auxiliar no que se refere ao uso seguro da internet também foi criada a Lei 12.965, de 23 de abril de 2014, Marco Civil da Internet, que surgiu com o objetivo de auxiliar

no que diz respeito aos princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil, estabelecendo as diretrizes para atuação de cada esfera em relação à matéria (BRASIL, 2014).

## 2.8 CYBERBULLYING E ASSÉDIO DIGITAL

O cyberbullying é o ato de, intencionalmente, fazer uso das tecnologias de informação e comunicação para humilhar, ameaçar, denegrir ou fazer qualquer ato mal intencionado a outro, que venha a prejudicar a convivência fundamental em sociedade e instituições, pondo em causa os direitos essenciais aos cidadãos (LIMA, ROCHA, GOMES, QUEIROZ & BITENCOURT, 2012).

Na legislação brasileira foi estabelecida a Lei 13.185, de 6 de novembro de 2015 que trata das questões relacionadas ao cyberbullying deixando claro os seguintes pontos a seguir:

Art. 2<sup>º</sup> Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

No espaço ilimitado da rede mundial de computadores mensagens, imagens e comentários maldosos são difundidos de maneira rápida e perversa, ampliando-se em níveis incalculáveis de multiplicação da informação. Causando assim um acuamento por parte da vítima que não sabe de quem se defender ou de que forma proceder, já que a identificação do culpado pode até não acontecer devido ao anonimato da rede e a outros tantos fatores que dificultam a localização do ponto inicial da ação, o que causa sérios transtornos a vida pessoal dos afetados.

## 2.9 DANOS AUTOINFLIGIDOS (SUICÍDIO, ANOREXIA)

O uso contínuo do computador, segundo Eisenstein e Estefenon (2011), podem causar a compulsão e a dependência virtual, além de estimular transtornos de ansiedade, transtornos obsessivo-compulsivos (TOC), distúrbios de comportamento (condutas antissociais), depressão e suicídio. No caso de crianças e adolescentes todo o aparato tecnológico é usado muitas vezes como válvula de escape para diversas situações e até mesmo sinalizam dificuldades preexistentes.

Na visão de Reis (2008) a internet tornou-se um meio de comunicação favorável ao encontro de pessoas com interesses comuns, das mais variadas formas e tipos. Com isso, forma-se um espaço nos fluxos de informações da rede para os mais diversificados tipos de pensamentos, ideologias e grupos, que em seu meio encontram espaços para expressar suas opiniões e identificar adeptos das mesmas causas em diferentes lugares do mundo. Um exemplo disso é o fato de que a busca pelo corpo perfeito tem levado milhares de pessoas, especialmente mulheres, a adotarem os chamados “estilos de vida” que ganharam espaço na internet, que na verdade são classificados na medicina como anorexia e bulimia.

Segundo Freire Filho (2003) no geral o estilo de vida refere-se à sensibilidade revelada pelo indivíduo na escolha de certos produtos e certos padrões de consumo e na articulação das situações culturais como modo de expressão pessoal e distinção social. São compostos por imagens, representações e signos disponíveis nos ambientes midiáticos e, em seguida, misturados em performances associadas a grupos específicos.

Quando se fala especificamente das meninas é possível enxergar um bombardeio de informações e padrões a elas apresentados pelos sites de moda, com modelos magérrimas e esqueléticas com fisionomias alegres e felizes. O padrão de beleza cada vez mais alto apresentado pela mídia em geral tem levado meninas a viverem um eterno conflito com o espelho e com elas mesmas.

Ainda segundo Reis (2008) devido o anonimato da rede, as seguidoras da Ana e da Mia (apelidos dados à anorexia e à bulimia) encontraram em blogs, fóruns e sites de relacionamento espaços nos quais poderiam abrir-se com relação a uma parte de suas vidas, na maioria das vezes, relacionadas às complicações com a alimentação e a imagem do próprio corpo.

Tais espaços podem ser facilmente visitados por crianças, já que são abertos a qualquer público interessados apenas em encontrar adeptos as ideias expostas, especialmente

as meninas correm um sério risco ao terem contato com esses sites e blogs já que elas são mais próximas da moda e do conhecimento das celebridades e dos padrões de beleza impostos pelas mídias.

Além desses fatores citados acima a internet pode ser também um espaço para a propagação de outro dano ao indivíduo como é o caso do suicídio, Thompson (1999) já apresentava preocupações a cerca dos jovens e sua ligação com a internet, por ser um público vulnerável e os maiores usuários da internet.

Segundo Lourenço, Moreira e Sachida (2003) os resultados de seus estudos sugerem que existem grupos de pessoas aptas ao suicídio, em consequência do efeito da mídia. Ou seja, elas são influenciadas por algum tipo de comportamento de grupo como tribos de jovens e adolescentes que propagam suas ideias por meio de mídias sociais. Tais mídias permitem a interação social a partir da troca e da criação colaborativa de informação, nos mais diversos formatos, via internet.

## 2.10 INVASÕES E ABUSO DE PRIVACIDADE

Para Monteiro (2009) um aspecto bastante relevante relacionado à privacidade enquanto direito, aponta para a violação não só do acesso indevido às informações protegidas, mas também se ressalta a invasão ou perturbação da vida privada consideradas como práticas ilícitas. Consistindo violação de direito não somente o acesso presencial, aos arquivos existentes em computadores de terceiros, como também por intermédio de redes, notadamente a internet.

Alguns programas de computador invadem a privacidade do usuário colhendo dados sobre este, com o objetivo de retransmiti-los por meio da internet para fins diversos como: análises de mercado, informações sobre cartões de crédito e contas bancárias, tudo isso sem que haja uma autorização do usuário. Esse recolhimento de dados que contendo os dados dos usuários de computador excede a esfera da intimidade e da vida privada, pois são esses dois aspectos jurídicos do consumidor que as empresas que patrocinam os Spywares querem conseguir. Atualmente, existe na rede um tipo de comércio de dados pessoais disponíveis a quem queira pagar pelos endereços eletrônicos de quem, algum dia, preencheu um cadastro na online, segundo Monteiro (2009).

O uso cada vez mais amplo das tecnologias da informação para o manuseio de dados pessoais tem impactado não somente o direito à privacidade, no que se refere à salvaguarda de

um âmbito privado do cidadão, mas também outros direitos e liberdades fundamentais, podendo de maneira mais específica, ter efeitos nocivos, com relação à discriminação, a limitação da autonomia e, de um modo geral, uma diminuição na própria esfera de liberdade de um indivíduo, segundo Doneda e Rossini (2014).

O abuso da privacidade é uma prática ilegal, mas que ganha proporções cada vez mais amplas. Com a crescente demanda de crianças e adolescentes fazendo uso de aparelhos e tecnologias em constante avanço, as informações são distribuídas muitas vezes sem o devido cuidado deixando um ambiente propício a possíveis invasões.

## 2.11 ATIVIDADES ILEGAIS (HACKERS E PIRATAS)

Para Couri (2009) o hacker é um indivíduo que tem habilidades em invadir sistemas conectados a internet, com a intenção de satisfazer o próprio ego em busca de notoriedade. Para classificar o pirata digital, o autor afirma que o mesmo é um especialista em sistemas informativos e que invadem sistemas alheios e sem autorização.

Para Maskin (2007) a pirataria na modernidade, assim como a prática que originou o termo no século XV, é um crime que não se submete às leis de nenhum país nem às convenções internacionais. É um crime que não obedece a fronteiras e invade os territórios, seduzindo uma parcela dos cidadãos comuns enquanto consumidores ativos.

Muitas vezes a criança em sua imaturidade e curiosidade pode ter contato com tais criminosos sem se dar conta dos altos riscos que está correndo e até em alguns casos facilitando as ações dos mesmos, já que a criança, em muitos casos, não recebe uma orientação adequada sobre segurança em rede pode deixar espaços para possíveis invasões em seus aparelhos.

São muitos os riscos e as possibilidades de um indivíduo ser vítima de crimes tão silenciosos e tão próximos como são os cibercrimes, alguns assíduos dos ambientes virtuais podem nem ter noção de sua gravidade e muitas vezes sabem que tais crimes são possíveis, mas não sabem de onde vem e nem como evita-los. E quando esses frequentadores são crianças os riscos sobem consideravelmente e em uma escala crescente em relação ao futuro, levando em consideração que a tendência é que elas sejam cada vez mais informatizadas, os pais cada dia mais ocupados e o brincar torne-se mais tecnológico.

Além dos pontos já especificados acima alguns sinais podem ser úteis para identificar possíveis problemas em crianças e adolescentes causados pelo uso indevido das tecnologias digitais.

**Quadro 2. Principais sinais de alerta para problemas comportamentais e riscos do uso digital**

Excesso de tempo de conexão acima de 2-3 horas diárias ou sem interrupção no período noturno, com prejuízo das horas e da qualidade do sono e compulsão pela internet
Desliga abruptamente o computador ou muda de tela na presença de algum familiar adulto
Afasta-se cada vez mais da família e se torna cada vez mais isolado em seu quarto e no computador
Queda do rendimento escolar sem qualquer motivo aparente
Trocas e confusão entre sua identidade pessoal (ou mesmo o próprio nome) e o perfil virtual criado
Acesso a salas de bate-papo restritas ou privativas (chamadas de áreas de sussurro) e sem monitoramento das conversas
Ser participante ou alvo de cyberbullying como vítima, agressor ou como mero colega que acompanha o problema sem denunciar o que ocorre na escola ou em qualquer outro lugar (clube, lan house)

Fonte: adaptado de Eisenstein e Estefenon (2011)

Muitos fatores como apresenta o **Quadro 2** ajudam a identificar alguns problemas relativos ao mal uso de ferramentas digitais, tais fatores podem ser úteis e essenciais para auxiliarem na identificação de quais seriam os possíveis riscos.

Dedicar muitas horas do dia ao mundo virtual, diminuição no rendimento escolar, afastamento com convívio familiar, acesso a ambientes virtuais propícios para conversas com estranhos não é algo normal para uma criança, e talvez nem o seja para um adulto, já que essa espécie de afastamento do mundo real pode causar diferentes problemas relacionados a socialização e interação do sujeito com o mundo que o cerca e no qual ele realmente vive.

O presente estudo traz em seu contexto todo o embasamento teórico que serve de fundamentação para a compreensão detalhada dos riscos presentes no mundo virtual, fazendo uso de citações de grandes autores que enriquecem este estudo.

### 3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta as principais ações realizadas para a definição dos mecanismos e técnicas utilizados para a definição do público alvo e as formas de atuação para o estabelecimento das diretrizes que vão nortear a pesquisa.

Ao iniciar uma pesquisa de caráter científico é muito importante determinar qual método será mais eficaz para auxiliar no processo de chegar as causas relacionadas à problemática em questão. Diante disso, é coerente afirmar que de acordo com a abordagem do problema, a pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa e/ou quantitativa. De acordo com Dias e Silva (2010) a escolha pelo método de pesquisa torna-se muito influente já que é por meio dela que o pesquisador realiza a coleta dos dados.

A presente pesquisa fez uso dos métodos quantitativos e qualitativos. Para Diehl (2004) essas duas estratégias se definem da seguinte forma: a quantitativa é definida pelo uso da quantificação que vai desde a coleta dos dados até o tratamento das informações por meio de técnicas estatísticas, com o objetivo de evitar possíveis distorções na análise e na interpretação dos mesmos, o que por sua vez possibilita uma maior segurança; já a pesquisa qualitativa descreve a complexidade do problema em específico, compreendendo e classificando os processos vividos nos grupos possibilitando a compreensão das inúmeras particularidades dos indivíduos.

A pesquisa bibliográfica também fez parte desse estudo para dar fundamentos às ideias apresentadas. Para isso, esclarece Boccato (2006) que a pesquisa bibliográfica busca mostrar a solução de uma hipótese, analisando e discutindo as diversas contribuições científicas, tal pesquisa apresentará subsídios para o conhecimento a cerca do que foi pesquisado e sob qual perspectiva foi tratado o assunto exposto na literatura científica.

Fonseca (2002) relata que a pesquisa bibliográfica é realizada na forma de um levantamento a cerca das referências teóricas publicadas por diferentes meios, sejam eles escritos ou eletrônicos, em artigos científicos, livros, páginas de web sites. Nessas pesquisas são encontrados diferentes pontos de vista relacionados ao tema proposto para estudo, porém todas as colocações seguem uma mesma linha de raciocínio para dar consistência e veracidade ao mesmo.

Após todo o levantamento da literatura e das bases teóricas necessárias, a coleta dos dados foi realizada através da aplicação de questionários com questões abertas e fechadas que

constituem uma sequencia lógica de perguntas que adentraram de maneira crescente no tema proposto para investigação. Segundo Mann (1983) são necessários alguns cuidados na preparação de roteiros de entrevistas e questionários visando maximizar as probabilidades de bons resultados, para isso ele sugere:

- Solicitar apenas os dados necessários;
- Assegurar-se quanto à viabilidade de resposta de cada pergunta;
- Assegurar-se quanto à honestidade das respostas recebidas;
- Assegurar-se de que os questionamentos não serão recusados e sim respondidos.

Para Dias e Silva (2010) o questionário apresenta vantagens em sua aplicação que se prendem a fatos como:

1. Ser de fácil aplicação e de baixo custo;
2. Não exige muitas habilidades na sua aplicação;
3. Pode ser aplicado simultaneamente a um grande número de indivíduos;
4. Proporciona maior confiança nas pessoas pelo anonimato;
5. Possibilita um maior espaço de tempo para se pensar na resposta, o que gera por sua vez menos tensão no respondente.

Observando esses pontos e analisando a necessidade da pesquisa viu-se útil a construção de um questionário para coletar as principais informações que darem mais credibilidade ao estudo e as hipóteses formuladas, que podem ser negadas ou confirmadas ao longo da análise dos dados coletados.

Para tanto, o questionário foi construído tendo em vista o público alvo da investigação, que são crianças com idades entre 09 e 11 anos já que segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa toda criança deve estar alfabetizada a partir dos 08 anos de idade, ou seja, a partir dessa faixa etária ela já deve saber ler e escrever com facilidade, o que é de fundamental para responder adequadamente as questões. O limite máximo de idade dos entrevistados é de 11 onze anos visto que no Artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos.

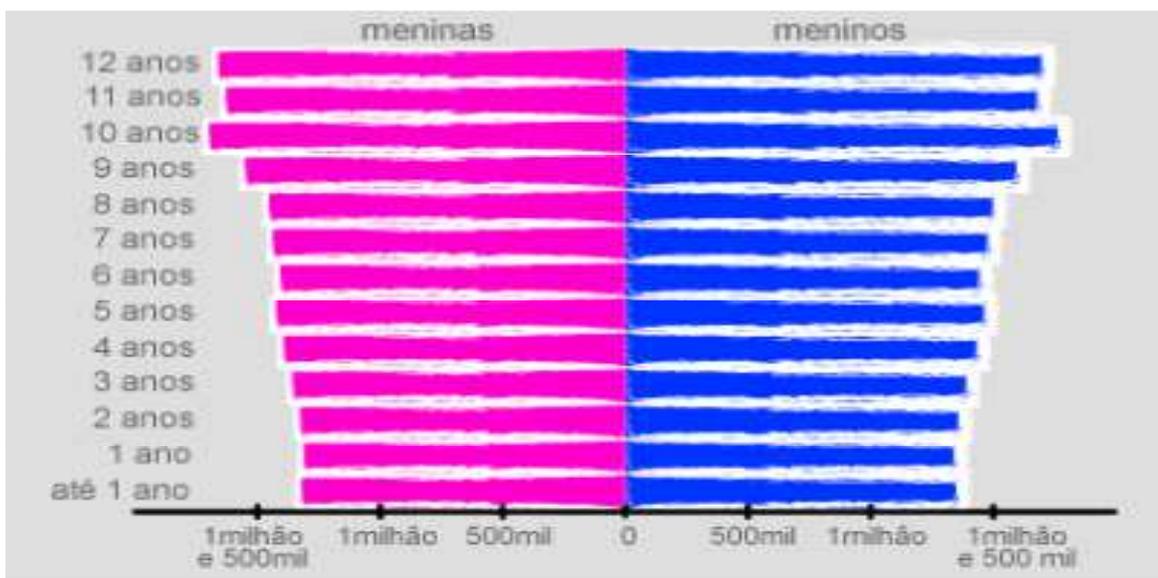
Ao se pensar em aplicar um questionário para crianças é interessante também se analisar que a estrutura do instrumento deve ser atrativa aos respondentes de forma que facilite o entendimento e a compreensão do objetivo da pesquisa, como por exemplo, o uso de imagens ilustrativas e colocação de cores podem ser muito úteis para chamar a atenção das crianças, com o isso o questionário ganha uma estrutura mais alegre e dinâmica.

Para a aplicação do instrumento de coleta dos dados foi selecionada uma escola da rede pública de ensino localizada na cidade de Vista Serrana – PB, a mesma apresenta um número bastante considerável de alunos que estão na faixa etária entre 09 a 11 anos de idade, já que a mesma atende a todos os anos do ensino fundamental, que seria por sua vez a fase escolar que comporta adequadamente crianças dentro dessa faixa etária.

Para saber ao certo o número ideal de respondentes da pesquisa foi realizado um cálculo estatístico para selecionar a quantidade de crianças a serem consultadas. Na visão de Gil (2002) em grande parte dos levantamentos não são pesquisados todos os membros da população investigada, é selecionada uma amostra significativa de todo o universo, mediante procedimento estatístico, que é tida como objeto de investigação. Baseando-se nessa amostra projeta-se uma totalidade do universo levando em consideração uma margem de erro obtida por meio de cálculos estatísticos.

As perguntas que compõem o questionário foram dispostas de maneira a compreender a faixa etária e o gênero. De acordo com o IBGE no Censo Demográfico de 2010 a faixa etária de crianças com idades entre 09 e 11 anos estavam em maior quantidade, levando em consideração o tempo é possível analisar que a população atual nessa mesma faixa continua sendo maior do que as com idades inferiores e o número de meninos e meninas estão em mesma proporção, o que não descarta a possibilidade dos riscos da exposição na internet serem os mesmos para ambos os sexos.

**Quadro 3. População até 12 anos de idade, segundo a faixa de idade**

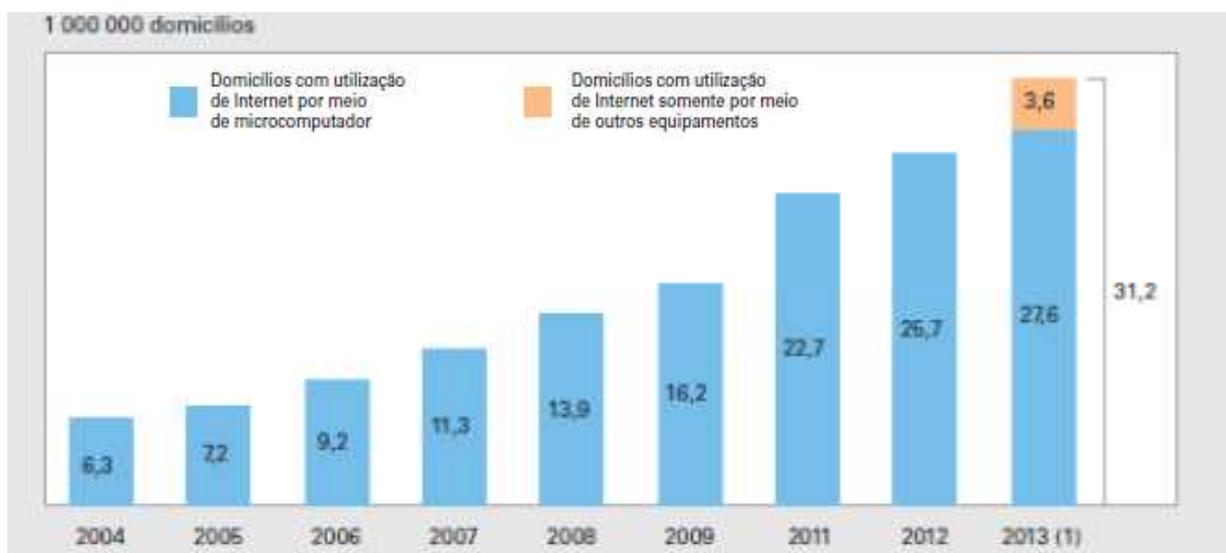


Fonte: IBGE, 2010.

Com uma população cada vez mais conectada a internet e com o avanço das tecnologias móveis levou-se em consideração os tipos de dispositivos eletrônicos que estão ao alcance da criança e suas possibilidades de acesso à internet. Tal questionamento foi elaborado analisando os resultados da pesquisa sobre Tecnologias de Informação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD 2013, que apresenta dados referentes ao acesso à internet em domicílios particulares permanentes cerca de 31,2 milhões, o que representa 48,0% do total de domicílios.

O microcomputador estava presente em 27,6 milhões de domicílios, 88,4% daqueles com acesso a internet, nos demais 3,6 milhões de domicílios (11,6%) são utilizados outros equipamento eletrônico para acessar a internet como telefone celular, tablete, entre outros conforme apresenta a figura abaixo:

**Quadro 4. Domicílios particulares permanentes com utilização da Internet por meio de microcomputador e somente por meio de outros equipamentos – Brasil- 2004/2013**



Fonte: IBGE, Departamento de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, PNAD 2004/2013  
(Adaptado pelo Autor)

Foram levantadas ainda questões de como está o monitoramento dos pais em relação a esses acessos a internet e se esse cuidado incomoda a criança, o que já seria um ponto a se observar com mais detalhes, além dos locais em que as crianças costumam ficar para se sentirem mais a vontade para acessarem livremente. Tal pergunta se fundamenta na fala de Nejm (2015) quando o mesmo se refere a esse cenário de mudanças complexas onde deve

haver um interesse em analisar as apropriações que as crianças e adolescentes fazem do mundo digital, de como seus pais e responsáveis agem no processo de mediação possibilitando melhores condições para as crianças fazerem boas escolhas e desfrutarem das liberdades com responsabilidades.

Baseado nesse contexto se engloba também as questões levantadas a cerca da utilização das redes sociais por parte das crianças e de possíveis conversas com estranhos e/ou conhecidos que possa de uma maneira inicialmente discreta ser prejudicial ao desenvolvimento da criança enquanto ser em formação. Os cuidados e a atenção dos pais são primordiais para evitar tais situações e para auxiliar no processo de tomada de decisões importantes para o bem-estar das crianças.

No final do questionário apresentou-se uma pergunta aberta relacionada ao conhecimento sobre os perigos da internet, se eles são de acordo com essa visão de que a internet é um espaço que oferece riscos e quais os seus pontos de vista em relação a essa colocação.

Antes da aplicação do questionário foi importante a realização de uma pequena exposição sobre a descrição dos dados obtidos, da não identificação dos participantes e por fim dos perigos da internet e do objetivo da pesquisa, tudo de uma maneira lúdica e com colocações apropriadas a faixa etária das crianças envolvidas na pesquisa, após essa explanação o questionário ganha espaço para aplicação e cada pergunta foi lida para que qualquer dúvida fosse esclarecida da melhor maneira.

A estruturação do questionário deu de forma a contemplar todas as reflexões realizadas anteriormente, seguindo uma sequencia lógica de perguntas que beneficiam pontos a serem observados e analisados de forma cautelosa e coerente com a realidade observada, tais observações são de fundamental importância para ajudar a levantar hipóteses e fazer inferências relacionadas às informações obtidas.

Diante do estabelecimento das perguntas formuladas e da ludicidade necessária para tornar o questionário mais chamativo e agradável, já que o público alvo da pesquisa são crianças e essas são facilmente atraídas por ilustrações e desenhos que meçam com o imaginário delas possibilitando uma melhor compreensão da dinâmica do texto, o mesmo ficou estruturado da seguinte forma apresentada pelo **Quadro 5**.

**Quadro 5. Questionário aplicado como ferramenta de coleta de dados**

Idade: _____	Gênero: ( ) Masculino	( ) Feminino
1. Marque com um X quais os equipamentos tecnológicos que você tem: <input type="checkbox"/> Computador <input type="checkbox"/> Tablet <input type="checkbox"/> Celular <input type="checkbox"/> Vídeo Game <input type="checkbox"/> Outros: _____		
2. Você tem acesso a Internet? ( ) Sim ( ) Não		
3. Você tem wifi em casa? ( ) Sim ( ) Não		
4. Seus pais olham as coisas que você faz na Internet? ( ) Sim ( ) Não		
5. Você se sentiria incomodado se seus pais observassem tudo que você faz enquanto está na Internet? ( ) Sim ( ) Não		
6. Em qual parte da casa você mais gosta de ficar quando está usando a Internet? Marque com um X as opções abaixo: <input type="checkbox"/> Sala <input type="checkbox"/> Cozinha <input type="checkbox"/> Meu quarto <input type="checkbox"/> Quarto dos meus pais <input type="checkbox"/> Outro: _____		
7. Você usa redes sociais? ( ) Sim ( ) Não		
8. Quais redes sociais você usa? Marque com um X as opções abaixo: <input type="checkbox"/> Whatsapp <input type="checkbox"/> Instagram <input type="checkbox"/> Facebook <input type="checkbox"/> Snapchat <input type="checkbox"/> Twitter <input type="checkbox"/> Skype <input type="checkbox"/> Outros: _____		
9. Você conversa ou já conversou com pessoas que você só conhece nas redes sociais? ( ) Sim ( ) Não		
10. Você gosta de jogar online? ( ) Sim ( ) Não		
11. Você conversa com as pessoas com quem você joga online? ( ) Sim ( ) Não		
12. Alguma dessas pessoas já pediu fotos suas? ( ) Sim ( ) Não		
13. Já receberam ou visualizaram algum conteúdo pornográfico em alguma rede social postado por algum amigo? ( ) Sim ( ) Não		
14. Você já foi vítima de bullying ou de preconceito na internet? ( ) Sim ( ) Não		
15. Você acredita que a Internet pode ser perigosa? Porquê? _____ _____ _____		

Fonte: próprio autor

Todos os dados obtidos foram analisados, quantificados e colocados em gráficos para a melhor compreensão e apresentação. Após o processo de interpretação dos dados os mesmos foram utilizados para a elaboração de um folder educativo direcionado a pais e educadores com o objetivo de esclarecer dúvidas sobre os possíveis riscos da utilização da internet por crianças sem o devido monitoramento e orientação de seus pais ou responsáveis, além de apresentar formas de prevenção que podem evitar situações constrangedoras e até possíveis crimes virtuais.

Para Paula e Carvalho (2014) o folder é um impresso de pequeno porte, sendo apenas uma única folha de papel que recebe uma ou mais dobras de acordo com a ordem dos argumentos, a capa deve conter a chamada principal com o objetivo de convidar o leitor para continuar o processo de abertura do mesmo. Na sequência se encontra o detalhamento do que foi anunciado anteriormente e por último (a dobra externa) é, geralmente, reservada para dados relacionados a informações de contatos.

O folder foi criado na ferramenta da Microsoft conhecida como Publisher e traz em seu contexto os principais riscos e crimes cometidos contra crianças na rede mundial de computadores acompanhados de uma sucinta descrição sobre ciberespaço e cibercrimes para ajudar no processo de compreensão e conhecimento sobre esses crimes, assim como os fatores de risco. Pretendendo de maneira real e contextualizada, trazer informações claras e diretas sobre a vulnerabilidade das crianças mediante um universo cheio de encantamentos, diversão, conhecimentos, entretenimentos e armadilhas.

Este capítulo abordou as técnicas de coleta de dados assim como o estabelecimento de toda a metodologia utilizada para dar direcionamento a pesquisa de um modo geral, organizando assim cada ação a ser tomada de forma estruturada e fundamentada.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O presente capítulo versa sobre a análise dos dados obtidos por meio da pesquisa, fazendo uso de algumas caracterizações iniciais como espaço amostral, campo de pesquisa e ferramenta de coleta de dados.

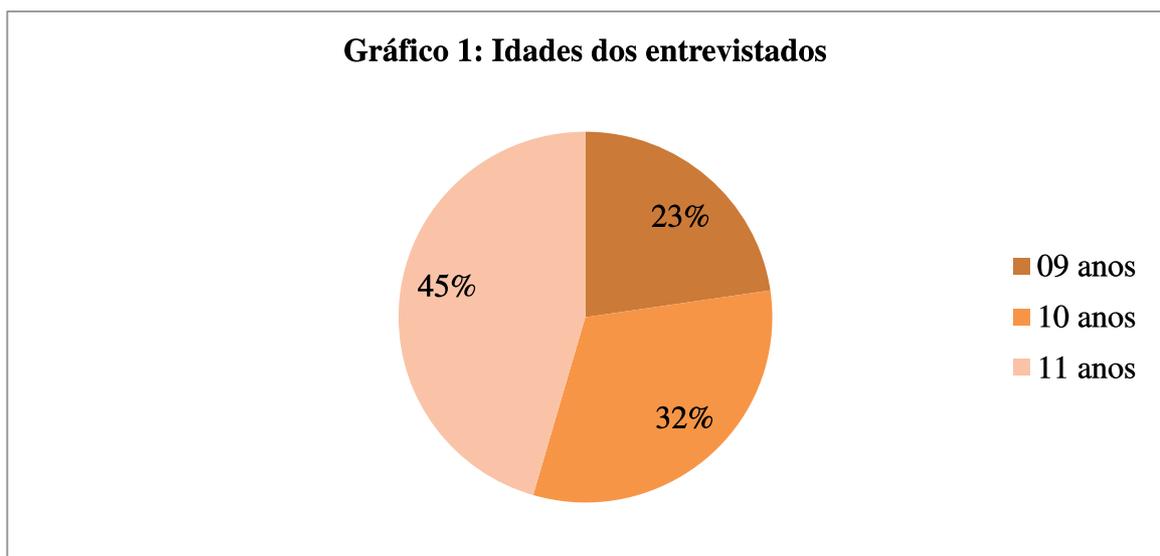
Para dar início a coleta de dados para a fase de resultados foi visitada a escola campo de estudo e realizado o levantamento do universo da pesquisa, ou seja, a quantidade exata de crianças com idades entre 09 e 11 anos. A partir de tal procedimento foi constatado que esse número chegava a 123 indivíduos.

Com o universo definido fez-se necessário encontrar a amostra necessária, diante de uma margem de erro de 10% para mais ou para menos e com um nível de confiança de 90% em um universo de 123 crianças, a amostra necessária para o melhor rendimento da pesquisa foi estabelecida em 44 indivíduos. Como o campo de investigação foi uma escola de ensino

fundamental algumas ações precisaram ser acordadas para não atrapalhar o curso normal das atividades letivas, devido esse critério as aplicações dos questionários foram realizadas, em sua maioria, em salas de aula indicadas pela própria escola, já que nas mesmas estavam presentes crianças dentro da faixa etária pré-estabelecida.

Sendo definida a amostra, a aplicação do questionário se dá de forma sequencial buscando coletar informações referentes aos objetivos do presente estudo e possibilitando uma análise mais detalhada das informações a cerca da vulnerabilidade das crianças, a serem vítimas de crimes virtuais, diante do não acompanhamento e monitoramento dos pais com relação ao uso da internet e suas inúmeras possibilidades.

Após a aplicação da ferramenta de coleta de dados foi possível ver as primeiras diferenciações no público alvo, sendo elas de fundamental importância para a caracterização dos envolvidos na pesquisa.



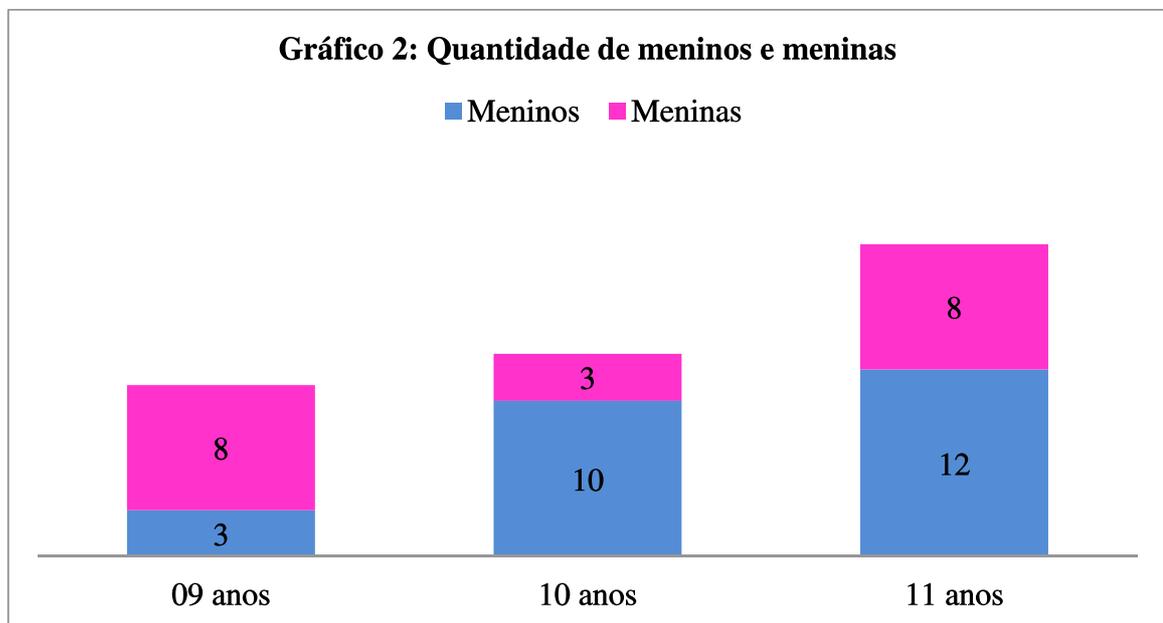
De acordo com o **Gráfico 1** a idade dos entrevistados varia dentro de 3 grupos, sendo predominante o grupo com crianças de 11 anos que chegam a 45% do total geral. Em segundo lugar encontram-se as crianças com 10 anos determinando um percentual de 32% e 23% as crianças com 09 anos de idade.

Essa faixa etária está distribuída dentro do 4º ano e 5º ano do ensino fundamental da rede regular de ensino. Alguns estão em situação de defasagem, quando se observa a idade e o ano no qual ela está inserida, e outros ainda não conseguem compreender e decifrar o código escrito, necessitando de um acompanhamento no momento do preenchimento do questionário com relação à leitura das questões e ao seu real sentido.

Porém uma grande parte dessas crianças já domina a leitura e a escrita de maneira satisfatória e condizente com o ano cursado, o que facilita a aplicação da ferramenta de coleta dos dados e o bom andamento da pesquisa.

A maior parte da amostra é composta pelas crianças de 11 anos pode-se constatar uma maior evolução em relação ao nível de entendimento de mundo e no que se refere a intelectualidade, sendo o grupo de crianças com mais idade o que se aproxima ou já se encontra em fase de novas descobertas no que se refere a sexualidade e a formação do próprio corpo, tornando-os teoricamente mais vulneráveis do ponto de vista dos crimes relacionados a pedofilia e pornografia, em relação as crianças mais novas, já que as crianças de 11 anos podem apresentar curiosidades específicas que ainda não foram despertadas nas crianças de 10 ou de 09 anos.

Esse público, como mostra o **Gráfico 2**, é composto por meninos e meninas que se dividem dentro das faixas etárias estabelecidas para o estudo havendo uma grande diferenciação, com relação a quantidade, entre meninos e meninas com idade de 09 e 10 anos, já com os de 11 anos existindo maior estabilidade nas quantidades em relação as outras idades.



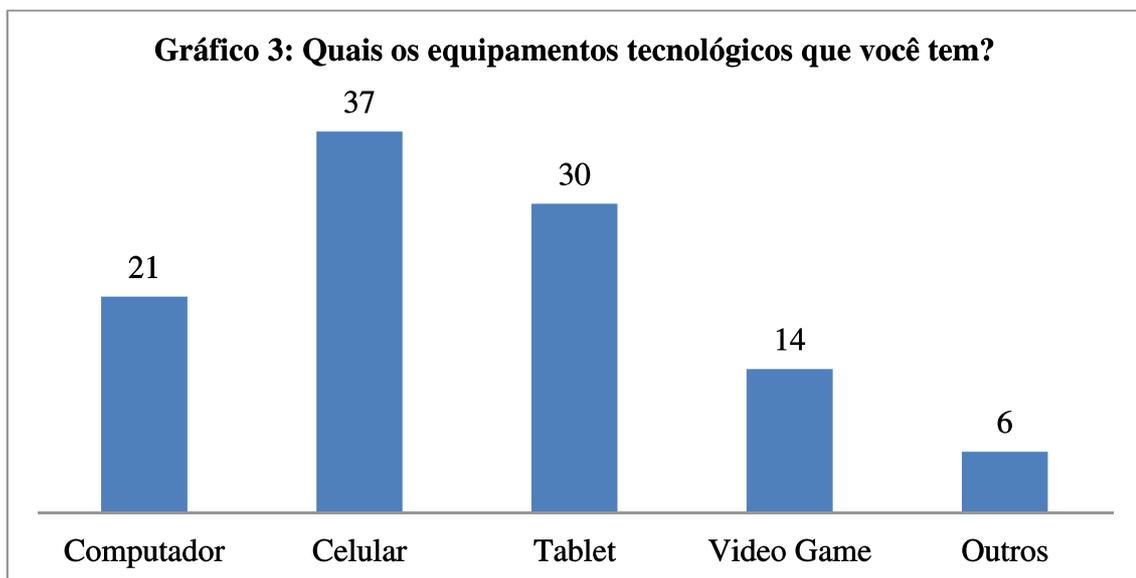
Nas salas de aula onde a ferramenta de coleta dos dados foi aplicada a predominância do público masculino chegou a um número alto de 57% e o público feminino atingiu 43%, sendo que a quantidade de meninas supera a dos meninos de 09 anos. Mas com o avanço do

mercado de jogos e a facilidade de uso dos dispositivos móveis e demais equipamentos, tanto os meninos quanto as meninas acabam por aderir as diferentes formas de diversão e interação oferecidas por tais meios.

Imagina-se que as meninas, por serem mais delicadas e gostarem de brincadeiras mais leves e serem mais sensíveis, sejam mais frágeis e propensas e serem vítimas de pessoas mal intencionadas. Talvez até se pense que as meninas estão mais sujeitas a riscos nos ambientes virtuais, porém tanto os meninos quanto as meninas estão em um mesmo patamar de riscos no que se referem a possíveis aliciadores e pedófilos.

Porém, assim como as meninas apresentam certa fragilidade que as tornam vulneráveis a riscos no ciberespaço, os meninos por sua vez são dotados de curiosidades que podem ser facilmente instigadas. Diante disso, o espaço virtual torna-se propício para que criminosos possam chegar até essas crianças, já que as mesmas encontram em suas casas a sua total disposição diferentes equipamentos que facilitam sua entrada no ciberespaço e possibilitam inúmeras formas de contato com o mundo e com seus indivíduos.

Quando questionados com relação aos tipos de equipamentos eletrônicos de acesso a internet que as crianças possuem em suas residências os números variam bastante Como mostra o **Gráfico 3**.



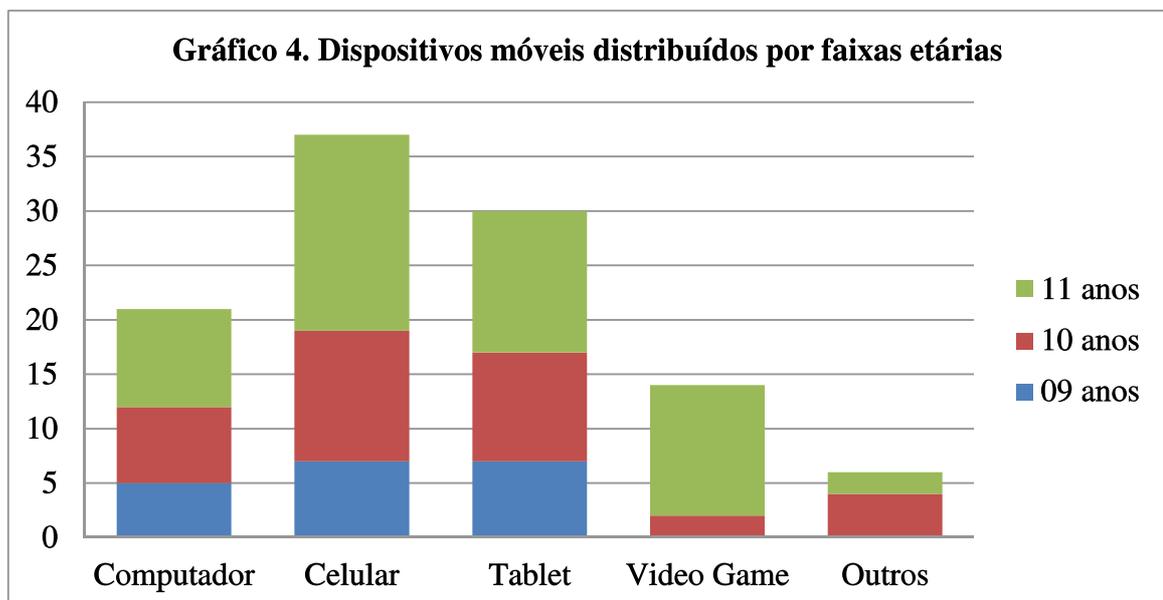
É visível no gráfico acima que os dispositivos móveis mais encontrados dentro do convívio das crianças são os de maior popularidade e portabilidade. Em primeiro lugar como dispositivo mais possuído está o celular, tal ferramenta encontra bastante espaço devido a sua

facilidade de uso e sua gama de possibilidades de diversão e de comunicação com o mundo. Em segundo lugar está o tablet, também muito utilizado para jogos de diversas categorias e de fácil aceitação, geralmente sendo um equipamento que a criança já ganha ainda nos primeiros anos de vida como sendo um brinquedo que irá ajuda-la a se desenvolver de forma criativa e inteligente.

É válido observar ainda que tanto o celular quanto o tablet podem ser levados para qualquer lugar devido a sua alta portabilidade, porém os mesmos podem ser perigosos se utilizados de maneira desregrada e sem segurança, já que a criança pode usá-los em ambientes diversos sem chamar muito a atenção de seus responsáveis, além de poder levá-los para ambientes mais reservados.

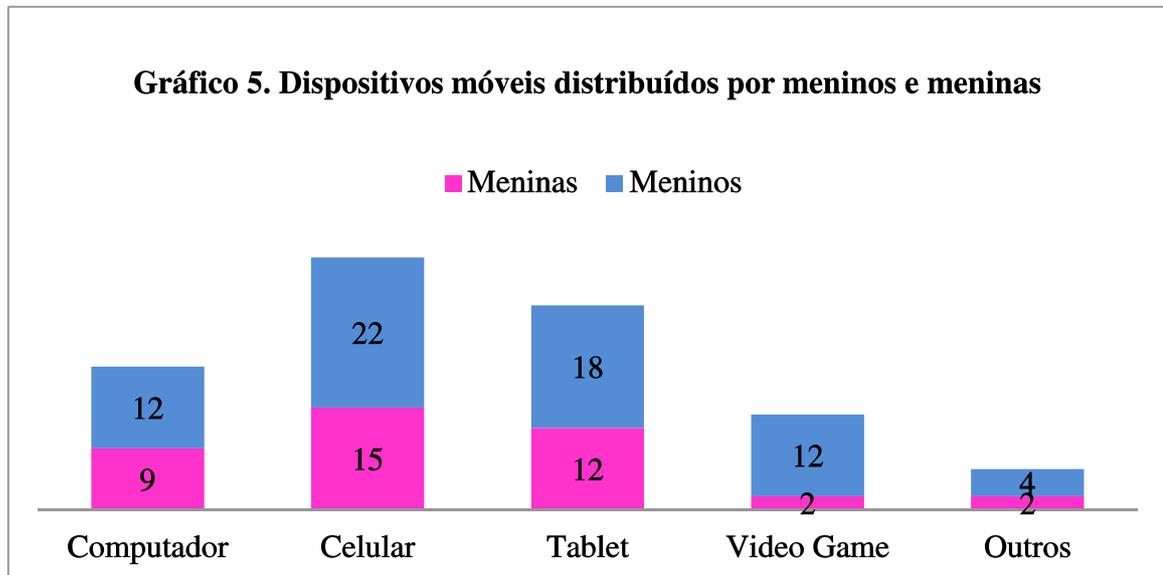
Na sequência está o computador, dependendo da máquina o mesmo pode ficar em um lugar fixo da casa em um espaço mais aberto e de fácil acesso a todos os membros da família, no caso de um notebook tal equipamento ganha mais portabilidade, mas ainda continua sendo mais fácil de ser monitorado a uma distância considerável devido ao tamanho da tela, sendo seguido pelo vídeo game e outros equipamentos de acesso a internet.

Cada vez mais cedo as crianças são donas dos seus próprios dispositivos móveis como consta no **Gráfico 4** a seguir.



As crianças de 11 anos são as que mais possuem equipamentos eletrônicos a sua disposição, considerando o fato de que esse é o maior público dentre os investigados não se pode negar o fato de que são eles os que se destacam também no consumo de dispositivos

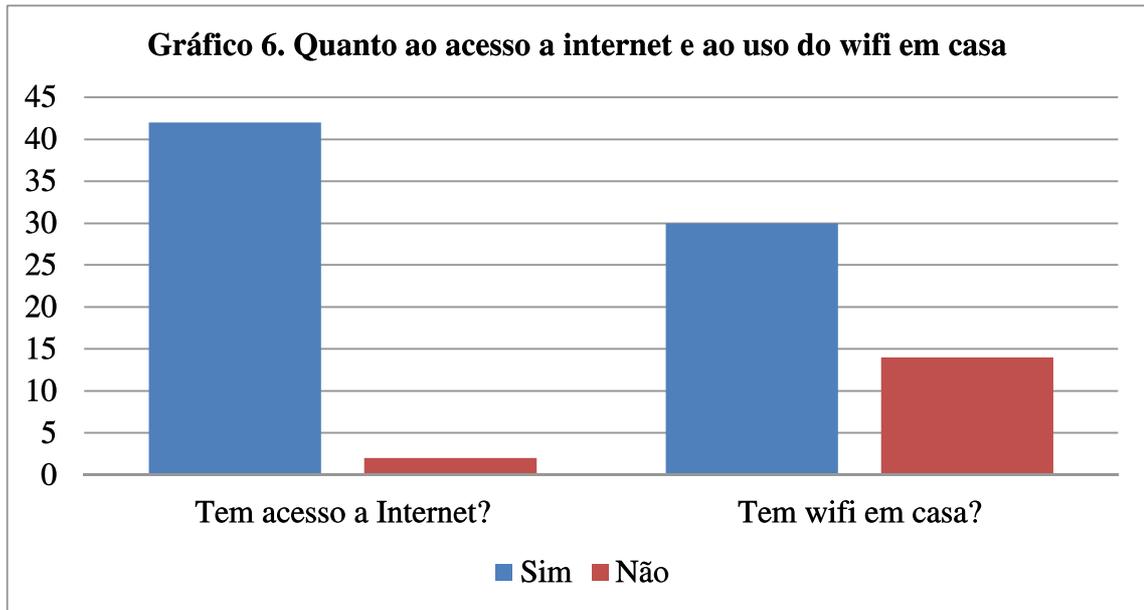
móveis. Devido o fato de serem considerados *grandinhos*, as crianças a partir dos 11 anos já estão mais adaptadas as diferentes máquinas e configurações de sistemas e já possuem liberdade para usarem seus próprios equipamentos pessoais como é o caso do celular que lidera a lista de dispositivos móveis usados por elas.



Como apresenta o **Gráfico 5** as meninas estão tão informatizadas quanto os meninos e fazem uso de forma quase unânime dos mesmos dispositivos. Como já era de se esperar elas ainda se mostram um pouco tímidas com relação ao vídeo game, mas começam a passos lentos a se infiltrarem nesse mundo mais masculino.

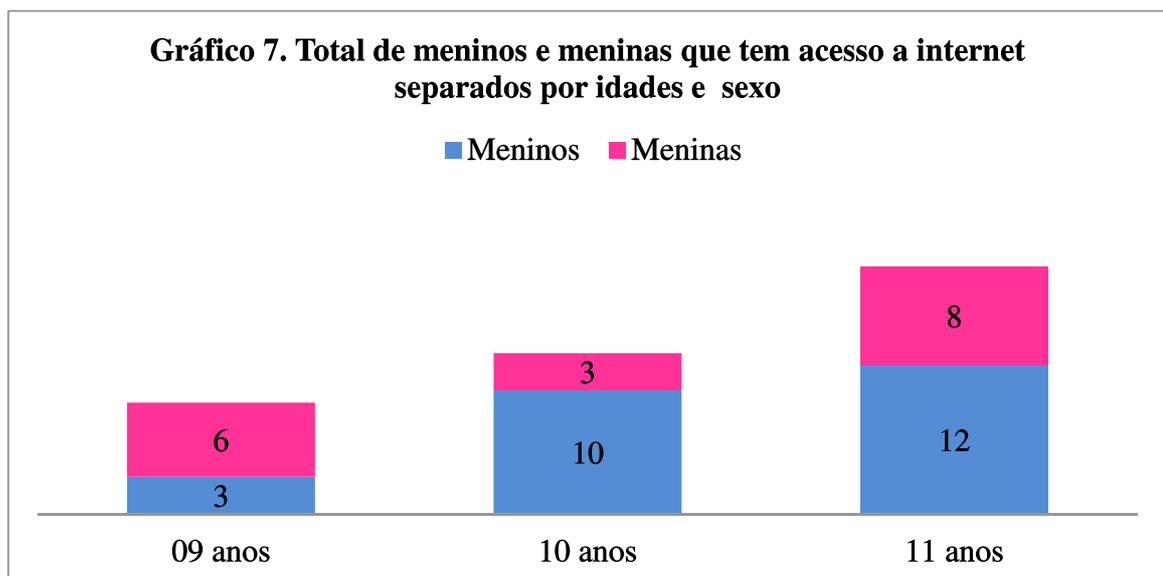
Tanto as meninas quanto os meninos são grandes adeptos dos celulares, o que dentre os fatores de riscos não difere gênero, mas pelo contrário coloca-os em um mesmo patamar considerando que o nível de conectividade de ambos está em um percentual de igualdade.

Diante desta situação seria óbvio afirmar que essas crianças precisariam de uma boa conexão com a internet já que utilizam tantos aparelhos tecnológicos, muitos dos entrevistados marcaram quase todas as opções e ainda mencionaram outros dispositivos além dos que estavam preestabelecidos no questionário. Para que essa gama de equipamentos funcione adequadamente é necessário ter toda uma conectividade de boa qualidade e de fácil acesso, caso contrário alguns dispositivos não irão render o esperado dentro de suas limitações com relação a internet, tal hipótese que vem se confirmar de forma clara no **Gráfico 6** quando se pergunta justamente se elas têm acesso a internet e se têm wifi em casa.



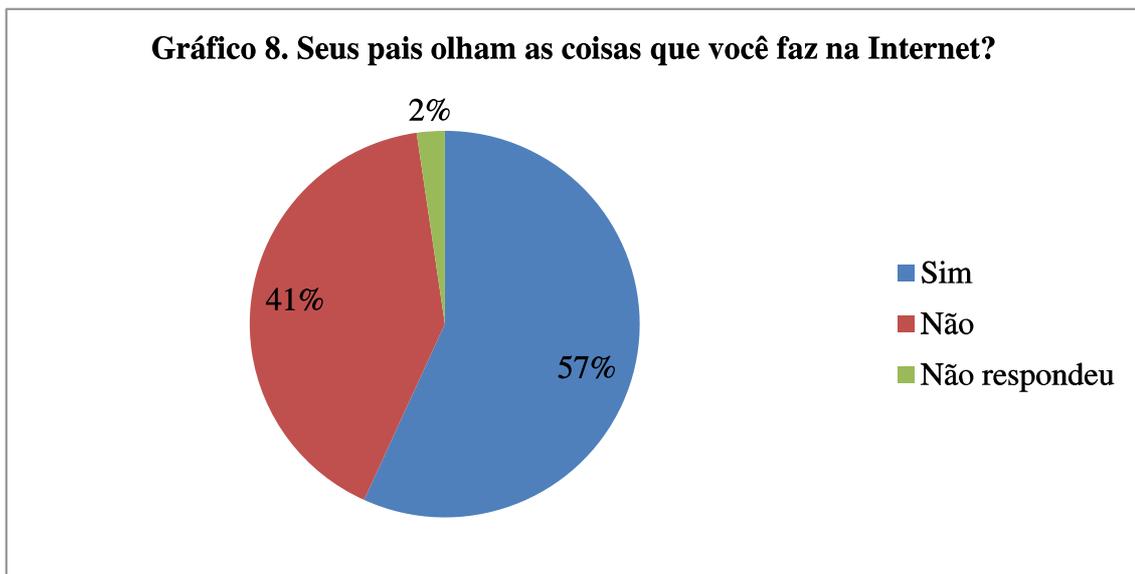
Com relação ao acesso a internet a resposta foi quase unanime, uma minoria não possui acesso. Dentre os que possuem acesso a internet cerca de 30 possuem wifi em casa, o que facilita o uso e possibilita mais comodidade e praticidade ao interagir no mundo virtual. Diante desse dado é possível constatar o quanto a internet está inserida no meio familiar, gerando uma infinidade de formas de comunicação com o mundo, com suas culturas, crenças, riscos e perigos camuflados em possíveis amizades.

O que por sua vez fomenta o conceito de fami-ilhas, pessoas que convivem no mesmo ambiente, que são consanguíneas, mas estão dispersas em suas ilhas de atividades a parte sem haver uma interação mais íntima com os demais indivíduos mais próximos.



De acordo com o **Gráfico 7**, e considerando a quantidade de crianças que participaram da pesquisa, apenas 2 crianças afirmaram não ter acesso a internet em casa, mas pode ser que a tenham em outros ambientes. O que mostra claramente o quanto as crianças estão conectadas ao virtual ainda muito cedo, e que essa conectividade atinge tanto os meninos quanto as meninas em um patamar de igualdade.

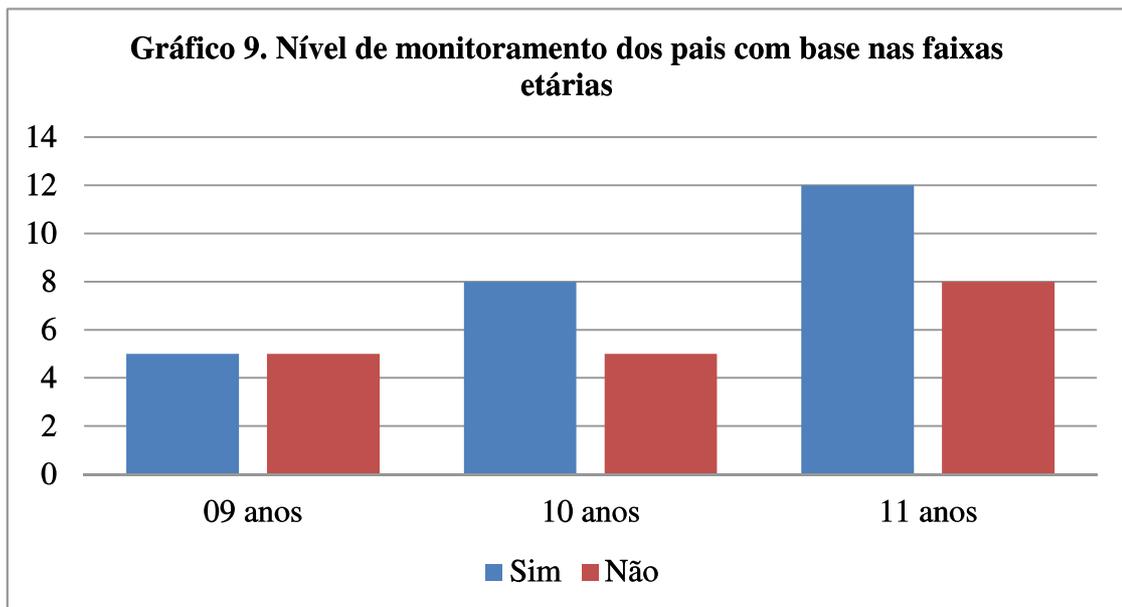
Com base nesse pressuposto as crianças foram questionadas acerca do monitoramento dos pais com relação ao que elas fazem na internet. Ver **Gráfico 8**.



De acordo com o **Gráfico 8**, 47% das crianças afirmaram que seus pais não observam as *coisas* que elas fazem na internet, ou seja, quase metade das crianças está conectada a rede mundial de computadores e não estão sendo monitoradas por seus pais. Dal afirmação induz a um pensamento de que essas crianças, em processo de formação e em uma fase muito delicada onde ainda predominam a inocência e a necessidade de orientação, estão sendo negligenciadas no que diz respeito ao fato de estarem em um ambiente que oferece inúmeros riscos a sua integridade moral, física e psicológica e não disporem de certo cuidado por parte de seus responsáveis.

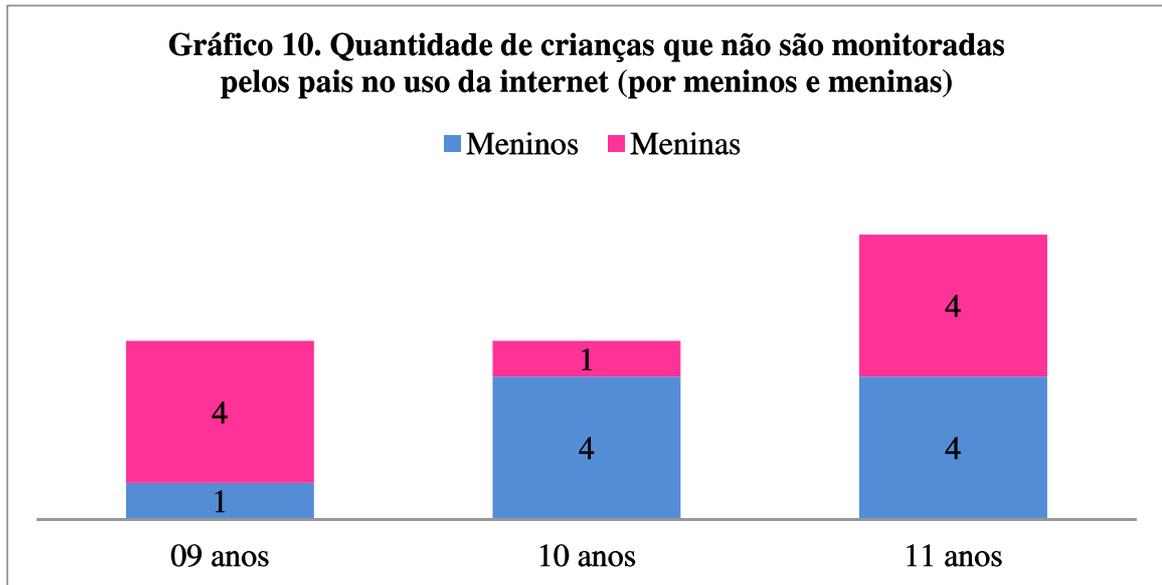
Muitos pais possivelmente não compreendem os riscos aos quais seus filhos estão propensos quando não há esse cuidado e esse zelo por sua segurança. Outros ainda não se atentam a essa necessidade de monitoramento por não serem tão engajados e nem tão pouco conectados quanto os filhos.

E pode até ser benéfica para a criança essa conectividade, desde que aconteçam cuidados básicos de segurança como uso de restrição para alguns sites e vídeos que possam conter conteúdos ilícitos e inapropriados a infância, assim como precauções relacionadas a senhas e informações pessoais expostas em determinados lugares ou até arquivadas na máquina que a criança faz uso.



Como consta no **Gráfico 9**, metade das crianças de 09 anos, que são as mais novas, possuem a liberdade de utilizar a internet sem que haja uma preocupação dos pais em avaliar se esse uso está sendo condizente com a idade da criança ou se o mesmo pode trazer riscos para a segurança ou para o desenvolvimento da mesma.

Em contra partida é visível que muitas crianças alegam que seus pais observam suas ações na internet, o que representa um número favorável. Mas se o gráfico for analisado de um ponto de vista que busque encontrar fragilidades fica muito evidente que há um crescente entre o não monitoramento dos pais e a idade dos filhos, um número considerável de crianças não dispõe desse cuidado e nem de uma segurança quando usam a internet, e esse valor pode ser analisado mais a fundo como consta no **Gráfico 10**.

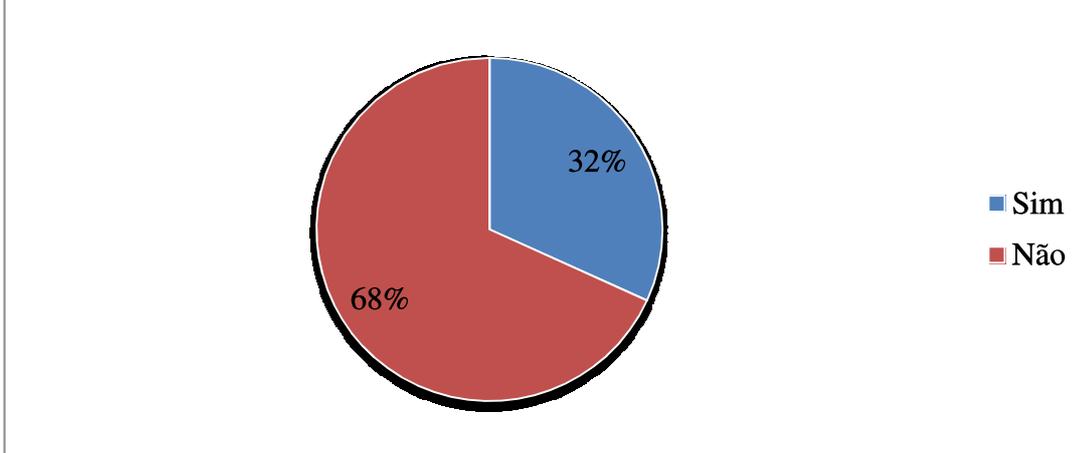


Das 05 crianças de 09 anos que afirmaram não haver um cuidado dos pais em relação a sua conduta na internet, 04 são meninas. O que causa bastante preocupação primeiramente pelo fato de serem crianças de apenas 09 anos, por não terem esse zelo necessário por sua segurança pessoal. O mesmo acontece com os meninos de 10 anos, enquanto cai o número de meninas aumenta o número de meninos que se encontram em situação de risco na internet.

O número volta a crescer com as crianças de 11 anos só que agora de uma forma totalmente equilibrada, nesse grupo a quantidade de meninos e meninas que são desprotegidos é a mesma. O que acaba por colocar em risco ambas as partes de uma maneira geral agora, e justamente em uma idade que exige mais cautela e cuidado nas relações interpessoais devido o início das transformações do corpo que sai dos últimos anos da infância e inicia a adolescência.

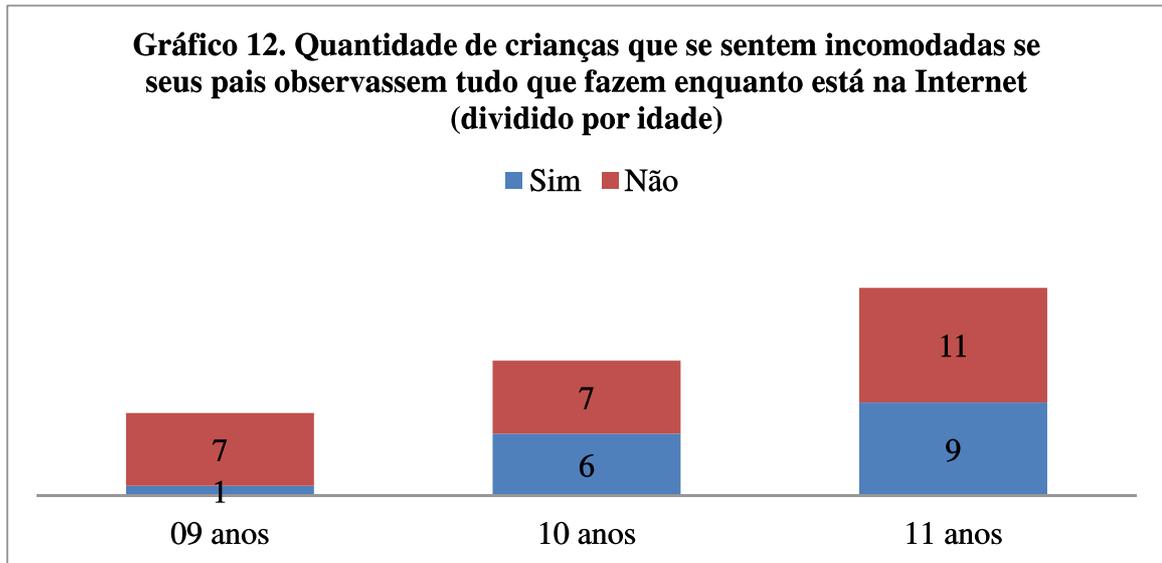
Para ajudar a levantar algumas formulações a cerca dessa observação foi perguntado no questionário com relação ao posicionamento deles quanto a liberdade dos pais em verem tudo o que eles fazem na internet, no **Gráfico 11** estão apresentadas as respostas obtidas.

**Gráfico 11. Você se sentiria incomodado se seus pais observassem tudo que você faz enquanto está na Internet?**

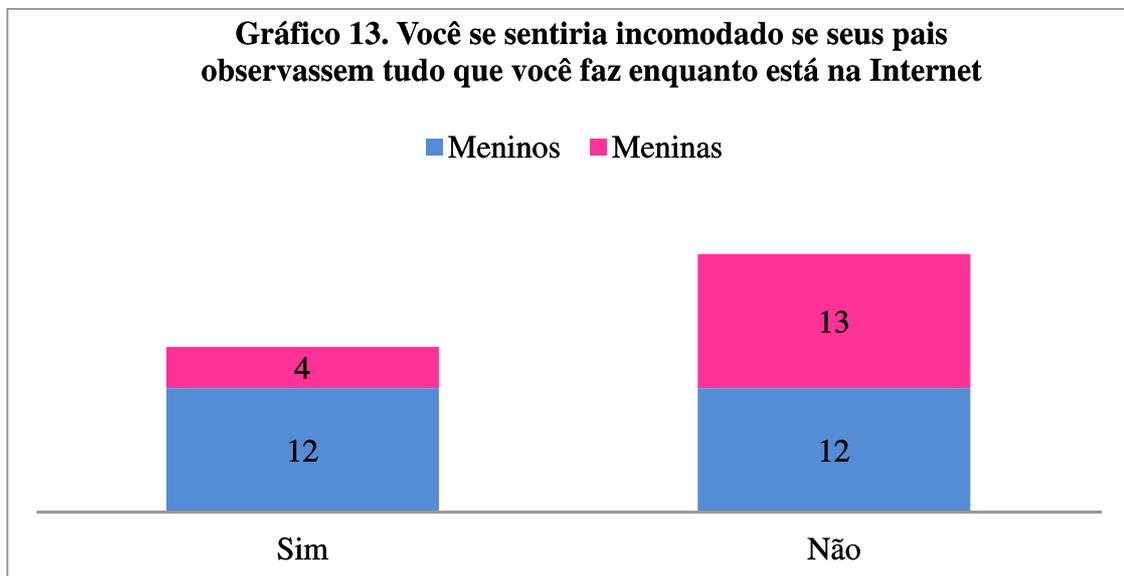


Segundo o gráfico 68% afirmaram que não se incomodam, porém 32% alegaram sentir-se sim incomodadas com essa espécie de monitoramento dos pais. Desses 32% aproximadamente 10 crianças disseram que seus pais não olham o que elas fazem na internet, ou seja, os pais não observam as ações dessas crianças no mundo virtual e elas afirmam ainda não se sentiriam a vontade se eles vissem essas ações. Isso é um ponto que chama bastante a atenção e pode gerar muitos questionamentos do tipo: Será que esses pais estão deixando esse cuidado de lado alegando ser um desrespeito à privacidade ver tudo o que seus filhos fazem online? Ou será falta de orientação desses pais que não compreendem ou desconhecem os riscos aos quais seus filhos podem estar expostos? O que uma criança poderia estar fazendo na internet que não aceitaria que seus pais vissem?

São questões complexas e ao fazerem tais questionamentos poderiam ligar ao fato da criança poder estar tendo acesso a conteúdos pornográficos, ou tendo contato com informações que não condizem com a idade das mesmas.

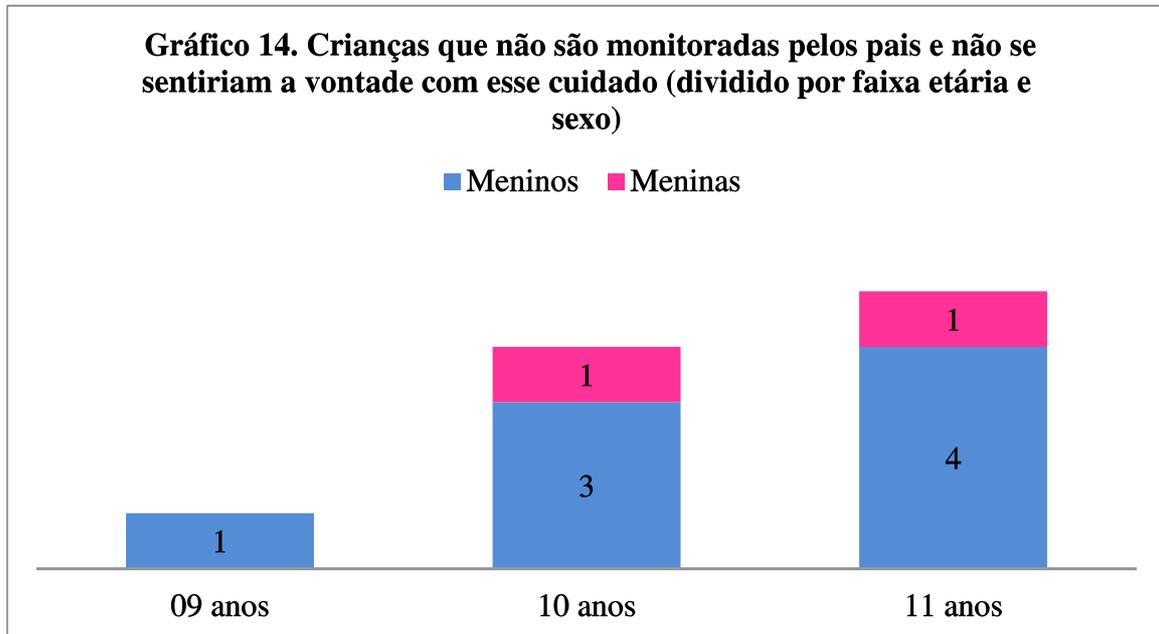


O Gráfico 12 apresenta em uma linha crescente as crianças que não se sentiriam bem com a observação de tudo que realizam no mundo virtual de acordo com a idade das mesmas. Quanto mais idade a criança tem, mais se incomoda com a observação dos pais em relação à internet.



Fica evidente no Gráfico 13 que os meninos são os que mais se incomodam com a observação dos pais, talvez por serem mais propensos a verem ou a receberem dos amigos imagens ou cenas com conteúdos inadequados e que são facilmente repassados entre os meninos não só pela internet, mas também através dos dispositivos móveis utilizados por eles, como os celulares.

Com base nessas 10 crianças mencionadas anteriormente por não serem monitoradas pelos pais e não se sentirem a vontade com esse cuidado, o **Gráfico 14** apresenta sua distribuição quanto a idade e ao sexo, possibilitando uma melhor compreensão da realidade.

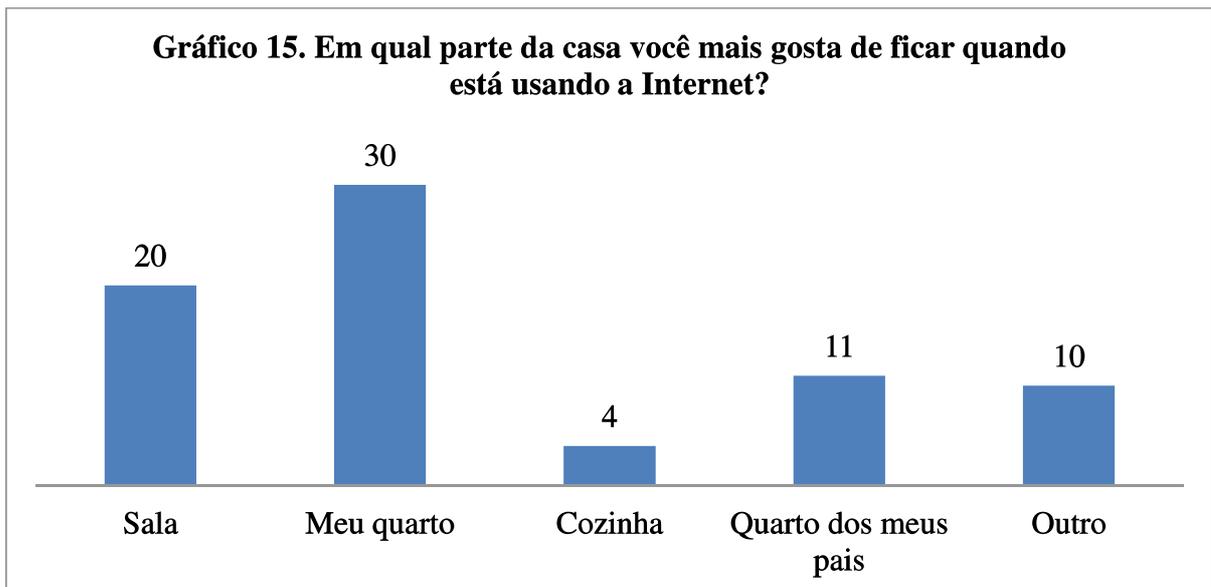


Embora as meninas se mostrem de maneira discreta, elas não podem ser descartadas quanto aos fatores de risco relacionados aos crimes virtuais, os dois casos observados nesta pesquisa são de extrema cautela, pois não seria normal que meninas de 10 e 11 anos usem a rede mundial de computadores e não gostem de ser observadas por seus pais. De uma maneira mais acentuada os meninos se destacam nessa amostra por se mostrarem em uma quantidade muito alta quando comparada as meninas, a situação se torna ainda mais delicada já que os meninos são, muitas vezes, orientados por uma cultura machista que o coloca em posição de maior liberdade no que se refere a sexualidade. Tal postura pode conduzir os meninos a descobertas inapropriadas para a idade estabelecida neste estudo, além de serem eles também grandes adeptos de jogos e curiosidades que no mundo virtual podem oferecer sérios riscos a sua integridade enquanto criança.

O problema pode está no fato de que os adultos têm muitas responsabilidades no decorrer do dia e suas tarefas e funções são cada vez mais urgentes, com isso surge a necessidade de entreter a criança em alguma atividade. Daí surge a magia do mundo virtual, com isso a criança vai se envolvendo sem esquecer é claro a ideia de que é só um joguinho, é

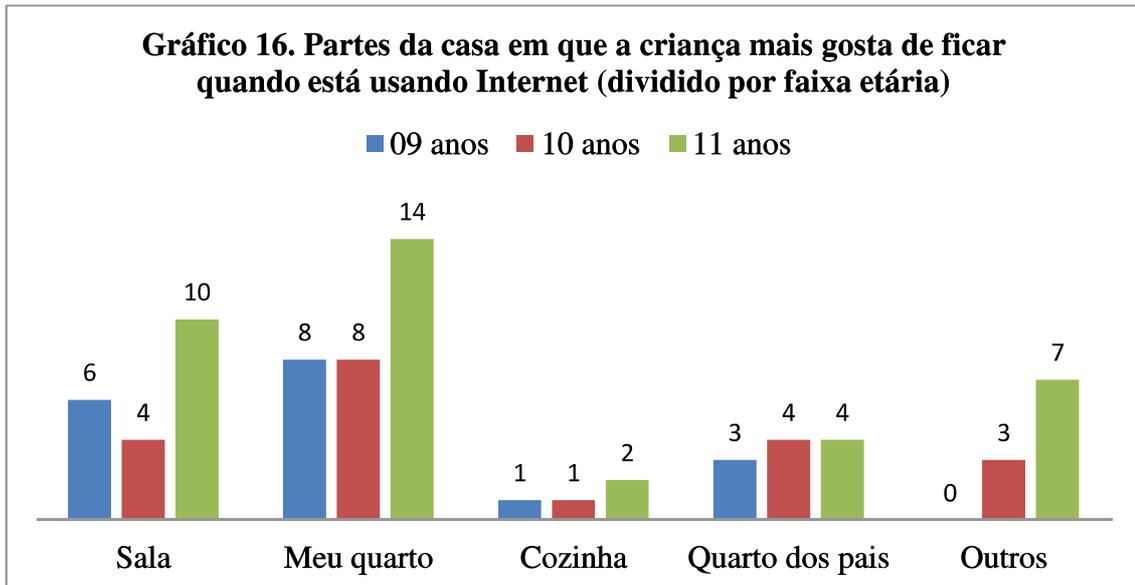
só um amiguinho virtual, é só uma conversinha, deixa ele(a) a vontade, não tem perigo, ele(a) está ali sozinho(a).

Nessa desconsideração de fatores de risco a criança pode ir ficando mais reservada e procurando espaços mais silenciosos e longe dos adultos, com relação a esse ponto foi perguntado as crianças em quais partes da casa elas mais gostam de estar para usarem a internet, ver **Gráfico 15**.



O próprio quarto é o lugar mais citado na pesquisa, chega a um total de 68% dos entrevistados, os riscos podem ser bem mais altos nessa situação já que a criança vai estar em um ambiente reservado e sem ninguém a observando, esse seria um cenário perfeito para criminosos virtuais já que a vítima estaria vulnerável.

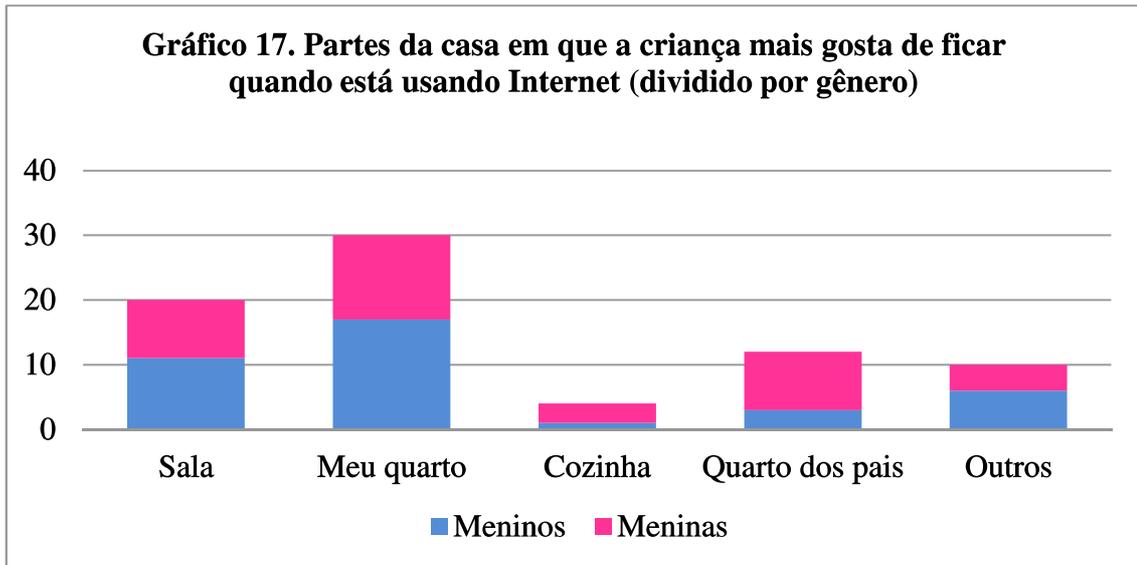
Em segundo lugar está a sala e depois o quarto dos pais, além de outros espaços e da cozinha. O que chama a atenção é que no questionário havia um espaço para a criança especificar quais eram esses outros espaços da casa que elas gostavam de frequentar enquanto usavam a internet, dentre os vários espaços citados como varanda, escritório, calçada, o que mais se destacou foi o fato de 04 crianças afirmarem gostar de ficar no banheiro. Tal fato desperta a dúvida da finalidade dessa ação, ir a ambientes mais reservados para acessar a internet não parece ser algo seguro para crianças com idades entre 09 e 11 anos, já que essa seria uma fase em que a curiosidade sobre o próprio corpo está aflorada e a criança correria o risco de ser uma presa fácil na mão de pessoas mal intencionadas.



Como já foi observado, o quarto é o lugar preferido para acessar a internet até mesmo pelas crianças pequenas de 09 anos, o que não seria viável principalmente para elas devido a pouca idade e chances de disponibilizarem informações ou até facilitarem a perda de arquivos por desatenção ou até por falta de conhecimento, isso sem mencionar no alto risco de uma criança tão pequena utilizar um meio tão popular de interação como a internet em um ambiente fechado e muitas vezes sem o cuidado de um adulto responsável.

Esse mesmo dado não difere muito quando comparado com as crianças de 10 anos, os mesmo estão em nível de igualdade. Já entre as crianças de 11 anos o número dispara no que se refere ao uso da internet no quarto e em outros espaços da casa, por serem os mais crescidos dentre os entrevistados esse fato chama a atenção, pois no quarto a criança encontra um espaço reservado, silencioso e que proporciona maior privacidade.

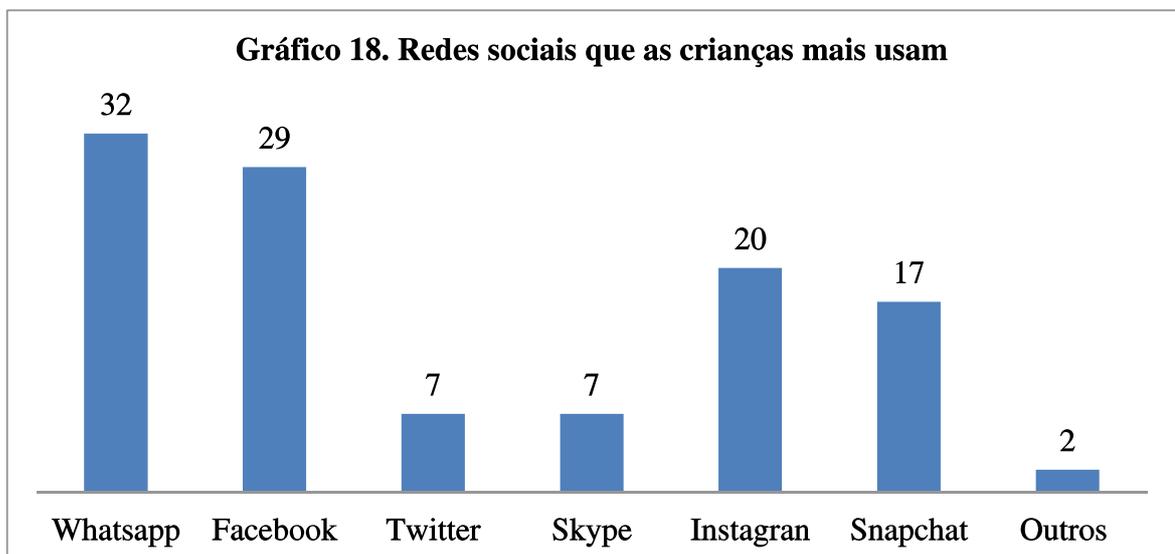
Mas também é válido ressaltar que muitas crianças afirmam que fazem uso da sala de casa para navegarem na rede, talvez por nesses ambientes estar o computador, seja um computador de mesa ou um notebook, colocados ali para um maior e melhor controle dos acessos por partes dos responsáveis.



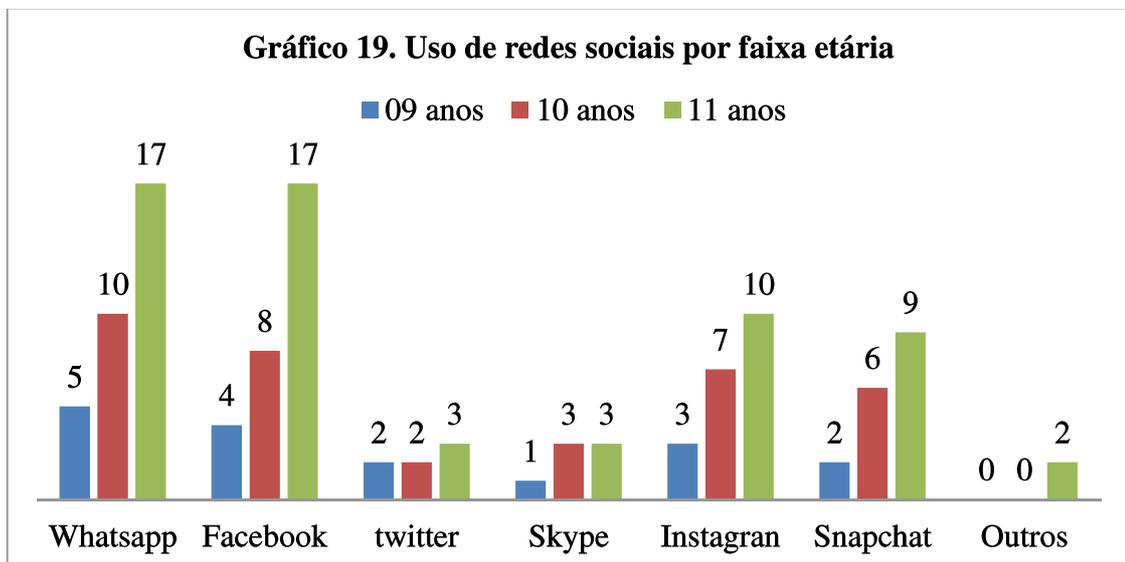
No **Gráfico 17** aparece um dado novo que revela que uma parte considerável das meninas gosta de usar a internet no quarto dos pais, talvez por ser mais aconchegante e por contar com a companhia desses em algumas partes do dia. Quem sabe até seja um espaço em que as meninas consigam interagir no mundo virtual acompanhadas de seus pais, possibilitando assim um grau mais acentuado de segurança as mesmas.

É importante destacar que as crianças não se envolvem apenas com coisas de crianças no mundo virtual, elas possuem perfis em diferentes redes sociais e se comunicam, compartilham e trocam informações com o mundo inteiro.

Das crianças que participaram da pesquisa 75% afirmaram fazer uso de redes sociais e quando perguntadas sobre quais as que elas utilizavam os resultados foram bastante variados como consta no **Gráfico 18**.



O Whatsapp e o Facebook lideram a lista de forma bastante relevante já que os mesmos são muito populares, de fácil manuseio e possibilitam uma comunicação mais direta e mais rápida com as outras pessoas, na sequencia vem o Instagram seguido por Snapchat, Skype e Twitter. Tais dados induzem a um questionamento sobre o que leva essas crianças a serem tão atraídas por essas diferentes redes sociais, é certo que a curiosidade de conhecer o mundo e suas culturas são atrativas ao ser humano como um todo. Mas esses espaços são marcados por muitas exposições, opiniões próprias dos usuários, fotos sensuais e provocantes, debates, propagandas e uma infinidade de fatores que não condizem com a essência da infância.

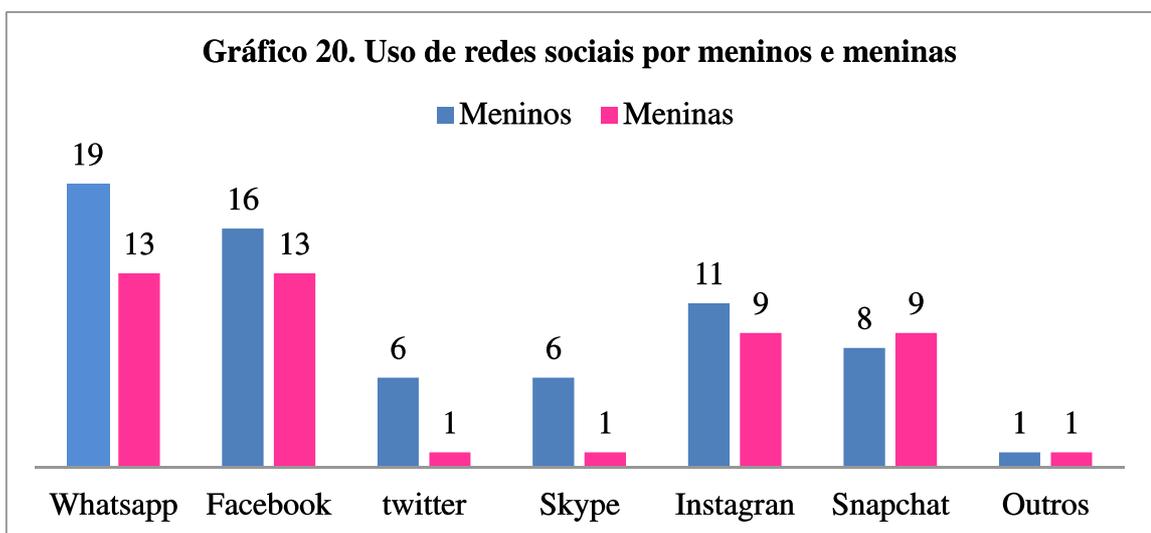


Com base no **Gráfico 19** algumas informações se destacam e chamam a atenção como é o caso da utilização principalmente do Whatsapp e do Facebook por parte de crianças de 09 anos, quais seriam os atrativos para essas crianças diante das funcionalidades de tais aplicativos? E mais fortemente no que se referem ao Whatsapp que é estritamente utilizado para conversas pessoais e em grupo, chamadas e compartilhamento de informações das mais variadas categorias e sem o menor critério de classificação quanto ao público que utiliza o serviço.

As crianças de 10 anos já se mostram em um nível intermediário de utilização das ferramentas de comunicação e interação com o mundo virtual, além das redes sociais já

mencionadas anteriormente, elas ganham espaço também no Instagram e no Snapchat e se igualam as de 11 anos em relação ao uso do Skype.

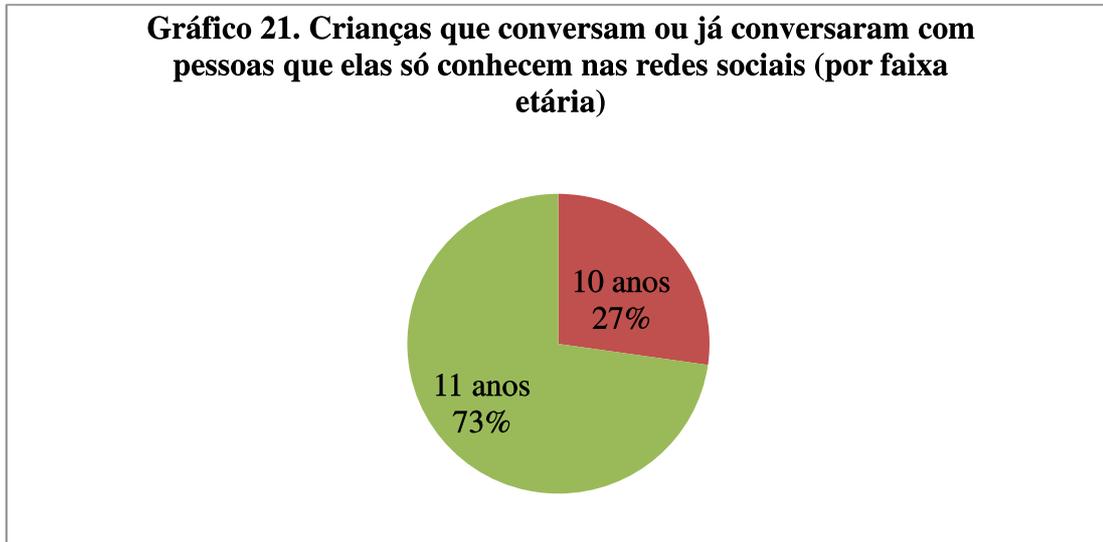
A crescente utilização das redes sociais pelas crianças de 11 anos é visivelmente maior do que nas demais idades analisadas, algumas dessas crianças entrevistadas possuem quase todas as redes sociais colocadas como opções no questionário, o que deixa muito claro o seu envolvimento virtual, para uma criança dessa idade administrar tantos perfis e saber comportar-se com cautela e atenção em tais ambientes não é uma tarefa fácil e nem muito menos condizente com seu nível de maturidade.



Quando se trata de redes sociais é visível o avanço que os meninos têm em relação as meninas, eles chegam a superá-las em quase todas as redes sociais mais populares. E o número de diferenciação acaba sendo considerável, eles estão interagindo mais do que as meninas e possivelmente se comunicando mais com novas pessoas e tendo acesso a diferentes formas de interação.

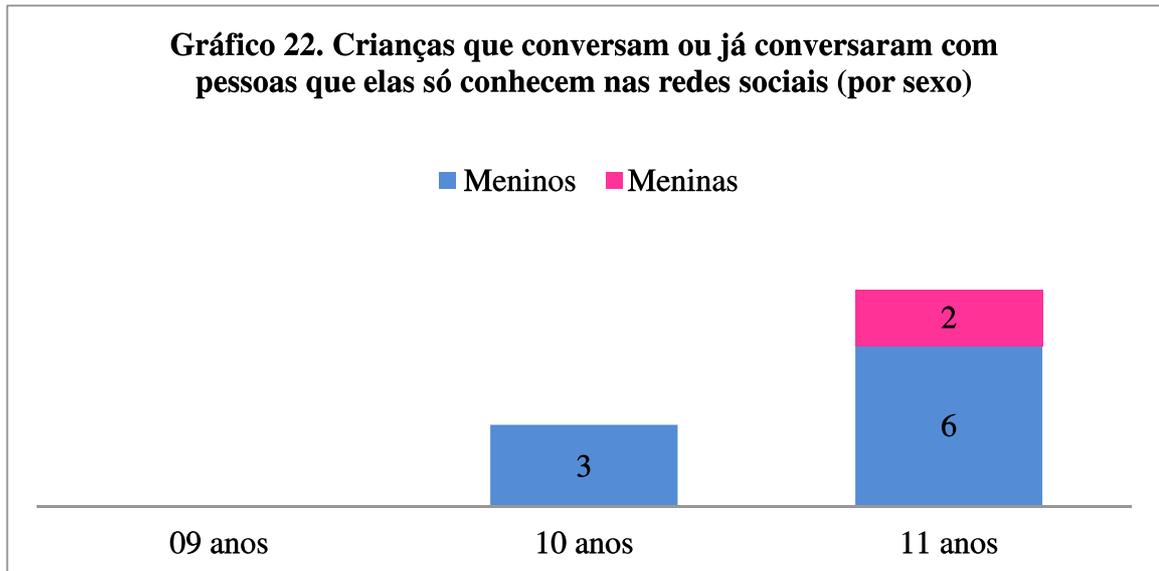
Tal fator coloca os meninos em uma situação de advertência já que nesses espaços virtuais as informações podem ser acessadas a qualquer hora e de qualquer lugar, a comunicação com as pessoas torna-se habitual, as opiniões e comentários são postados sem que haja uma drenagem do conteúdo, as intimidades pessoais são compartilhadas como em um diário e as chances de envolvimento perigosos crescem exponencialmente, principalmente quando se leva em consideração que a pessoa que está diante de tais realidades é apenas uma criança.

Porém o que se torna mais perigo ainda nas redes sociais é a facilidade de comunicação entre os usuários de forma livre e interativa. Qualquer pessoa pode se comunicar com outra fazendo uso de informações simples, o que é um campo atrativo e propício para conversas pessoais com pessoas estranhas e com intenções desconhecidas a princípio.



27% dos entrevistados que possuem redes sociais alegaram já terem conversado com pessoas desconhecidas, ver **Gráfico 21**, e esse número é preocupante já que o nível de vulnerabilidade dessa criança a sofrer danos a sua integridade física, psíquica e moral sobem consideravelmente.

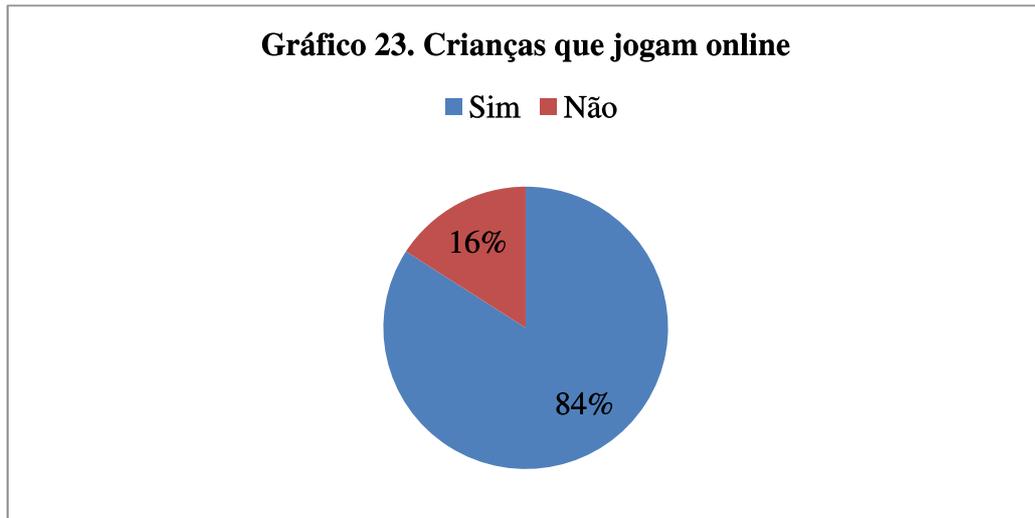
As crianças que mais conversam com estranhos nas redes sócias são as de 11 anos como apresenta o gráfico abaixo, talvez por já estarem na fase das primeiras paixões e entrando na fase da adolescência se interessam mais por novas amizades e por conversas descontraídas ou quem sabe até românticas. Essas pessoas podem se mostrar muitas vezes como interessadas na vida da criança e seus assuntos, segundo especialistas, alguns aliciadores de crianças que são os que mais atacam nesses meios de comunicação iniciam uma conversa amigável e ganham a confiança das crianças para depois dar início as ameaças e todo o terror psicológico que já se é esperado de tal criminoso.



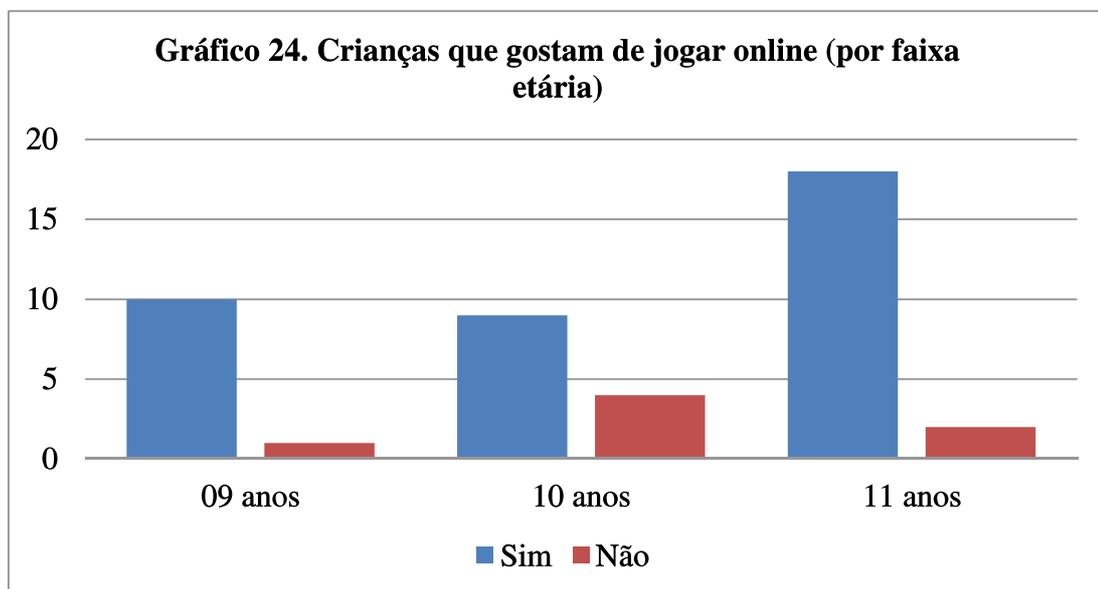
No **Gráfico 22** os meninos ganham destaque no que se refere a conversas com supostos amigos nas redes sociais, até os 09 anos a criança parece não se interessar por tais conversas ou ser mais temerosa a conversas com estranhos, mas a partir dos 10 anos as conversas já começam a ter início com o público masculino, as meninas por sua vez parecem ainda não demonstrarem interesse ou têm medo de tais conversas. Elas só vêm se mostrar interessadas a partir dos 11 anos, mas ainda de uma maneira discreta. Já os meninos com 11 anos parecem se envolver mais facilmente com os amigos virtuais ao ponto de serem os que mais conversam com estranhos.

Ter alguém com quem compartilhar segredos, conversar sobre coisas que se gosta, partilhar experiências do dia-a-dia, desabafar sobre os problemas faz muito bem ao ser humano. Mas e quando esse amigo na verdade não é quem parece ser? Não tem a mesma idade e nem os mesmo gostos, quer sempre saber sobre assuntos pessoais e até ter o conhecimento sobre como é o corpo da criança.

Mas esse risco de contato com estranhos não está somente nas redes sociais, alguns jogos online possibilitam ao usuário conversar e trocar informações com seus adversários enquanto jogam. E o número de adeptos a esses jogos é cada vez maior, entre os entrevistados muitos gostam de jogar online como mostra o **Gráfico 23**.



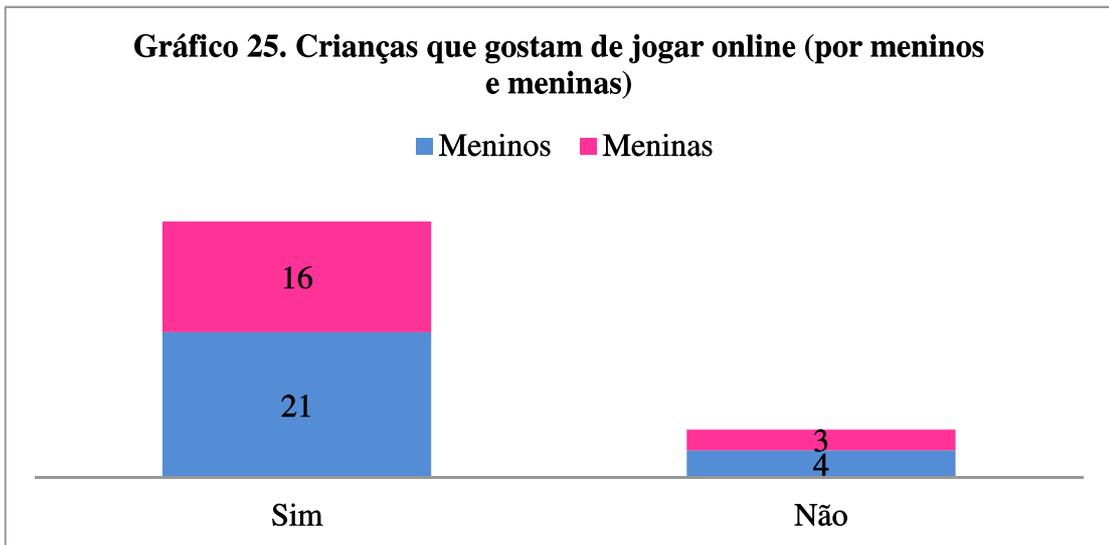
Os jogos online são altamente populares entre várias idades, entre as crianças entrevistadas foi possível perceber no **Gráfico 23** que a grande maioria delas é adepta a esse tipo de jogo. Ou seja, jogar online é uma prática comum entre as crianças que buscam diversão no ambiente virtual. O **Gráfico 24** por sua vez apresenta a divisão por faixa etária das crianças que afirmaram gostar de jogar online.



As crianças de apenas 09 anos se mostram muito interessadas por jogos online devido suas variadas formas e interfaces que atraem a criança de uma maneira lúdica e atrativa, geralmente os jogos voltados para esse público menor são repletos de animações e cores que chamam a atenção da criança de forma encantadora.

No que se refere as crianças 10 anos é até surpreendente que elas se mostrem menos interessadas em jogos online do que as mais novas, ficando assim em uma posição intermediária dentro da faixa etária investigada.

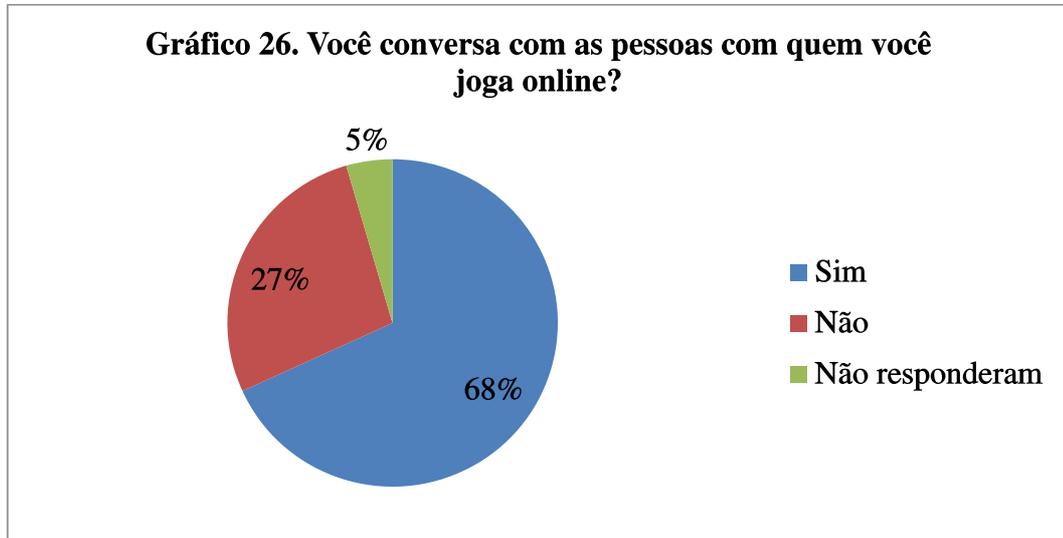
Já as crianças de 11 anos apresentam um nível de aceitação de jogos online que ultrapassa as demais idades estabelecidas, pois as que não fazem uso desses jogos estão em um número muito inferior em relação as que gostam. É visível no **Gráfico 22** que a curva declina quando se chega aos 10 anos e sobe consideravelmente em relação as crianças de 11 anos.



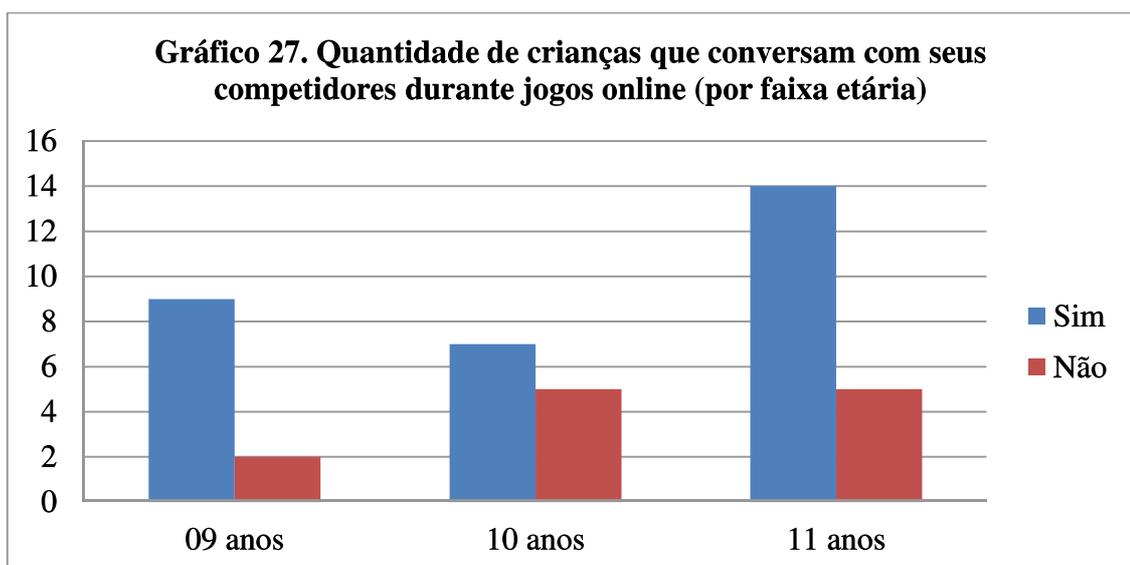
Quando se pensava em jogos, a alguns anos atrás, se associava rapidamente ao público masculino, as meninas demonstravam mais interesse por atividades menos competitivas e mais amigáveis. No **Gráfico 25** a realidade parece não ser mais a mesma, é nítido o crescente número de meninas que aderiram as tecnologias e aos jogos virtuais online, ganhando e adentrando um espaço que anteriormente não pertencia a elas.

Por trás desses dados e de toda a diversão que cerca esses ambientes virtuais estão pessoas que não estão interessadas em diversão, competição ou entretenimento, pelo contrário existem pessoas que aproveitam alguns espaços para atacarem e fazerem suas vítimas como é o caso dos hackers. Eles se aproveitam desses ambientes por conterem dados pessoais e ali escolherem onde e como atacar. Uma das ameaças mais comuns é o phishing onde os criminosos usam links falsos em e-mails que conduzem os usuários a páginas falsas e a partir daí começam o roubo de informações disponibilizadas como registros pessoais e até em

alguns casos conseguem roubar dinheiro de alguns jogadores que não possuem muita experiência.

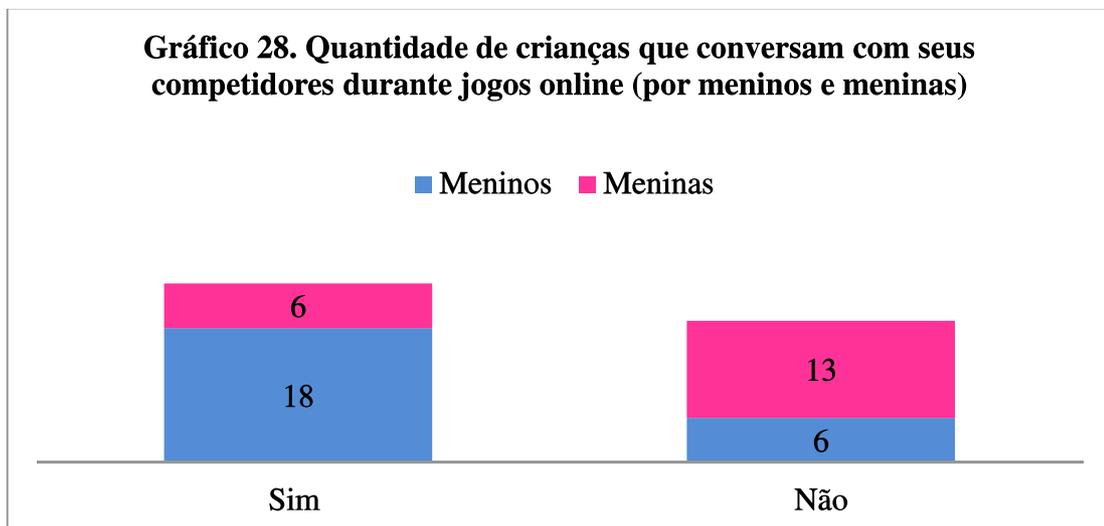


Conversar com o adversário online parece ser uma crescente forma de comunicação entre as crianças, o problema é que a identidade do interlocutor muitas vezes é cercada de segredos e artimanhas, além de ser um espaço para possíveis ataques de criminosos virtuais que buscam pequenos deslizes de suas vítimas para poder roubar arquivos pessoais, documentos, senhas e demais dados presentes na máquina ou na rede.

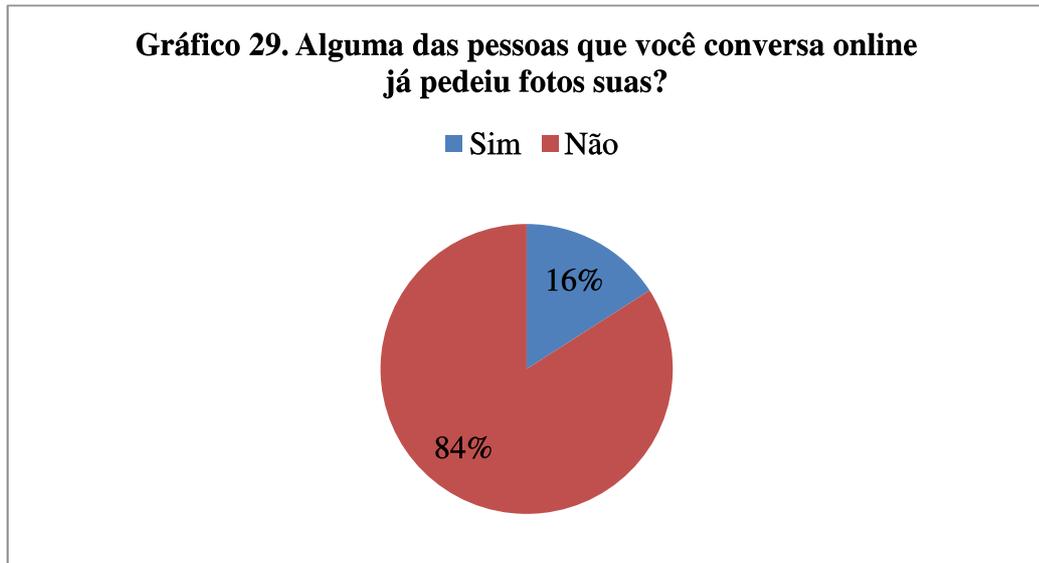


São preocupantes os níveis de informações que estão disponíveis em cada espaço virtual já mencionado acima, a criança em sua ingenuidade e imaturidade não está preparada para lidar com tudo isso, sua mente ainda não está pronta para essas infinidades de *amizades* que ultrapassam limites e fronteiras. De acordo com o **Gráfico 27** as crianças de 11 anos são as que mais conversam com seus adversários online, sendo seguidas pelas de 10 anos e por fim também das de 09 anos, que já se mostra muito adepta de tal conversação.

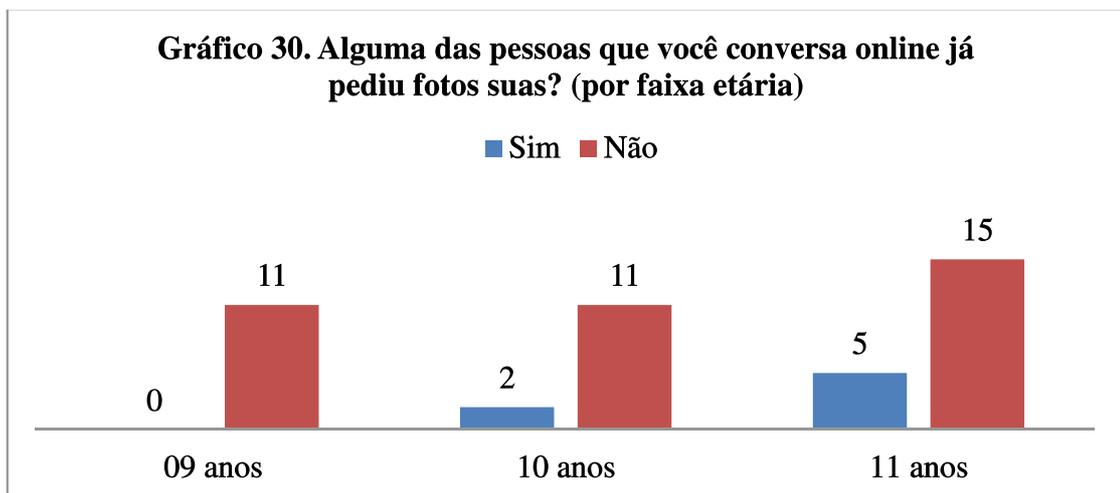
Independente da idade estabelecida a analisada acima das situações de risco não podem ser descartadas em nenhuma categoria já que esse espaço, além de propício para ataques de hackers, também é comumente utilizado por aliciadores para assediar os jogadores por meio da ferramenta de chat.



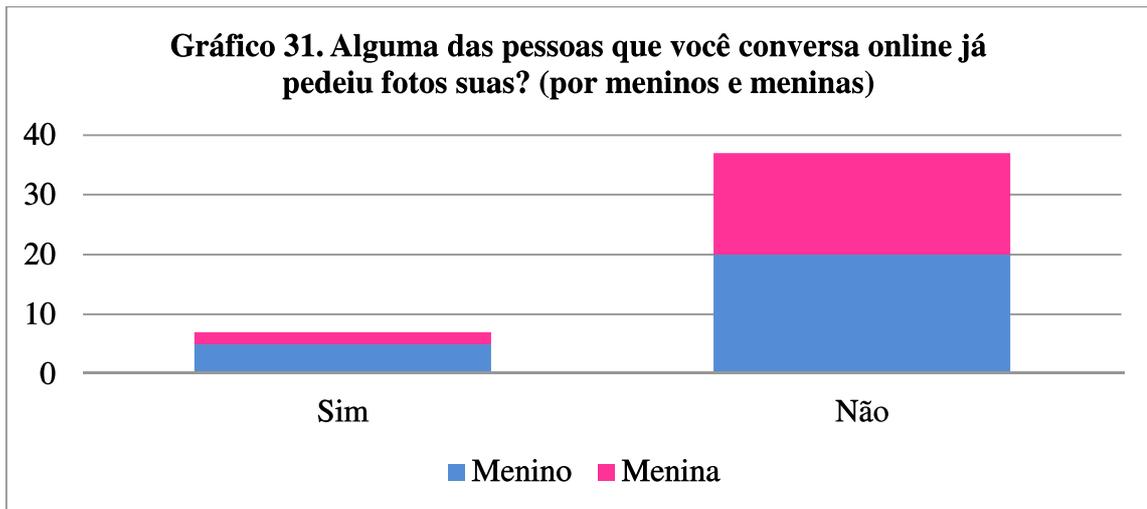
Os meninos aparecem no **Gráfico 28** como os que mais conversam com seus competidores online durante as partidas, as meninas aparecem também já em um número considerável. O problema é que as vezes durante competições algumas palavras agressivas são lançadas entre os jogadores ou até palavras que ridicularizam o adversário como palavras preconceituosas ou relacionadas ao bullying. No mundo virtual não é diferente, como o jogo oferece o chat para os competidores interagirem entre si esse espaço torna-se, muitas vezes, ambiente de insultos e humilhações.



Das crianças que responderam a essa pesquisa e que estão introduzidas no mundo virtual 16% disseram que as pessoas com quem elas conversam virtualmente já pediram fotos delas, ver **Gráfico 29**. O que seria algo simples se por acaso fosse um parente ou um(a) amigo(a) da família que solicitasse essa foto e a mesma fosse enviada com o consentimento dos responsáveis por essa criança. Porém em casos em que não existe esse consentimento o envio de uma foto pode ser o início de um verdadeiro pesadelo para a criança.

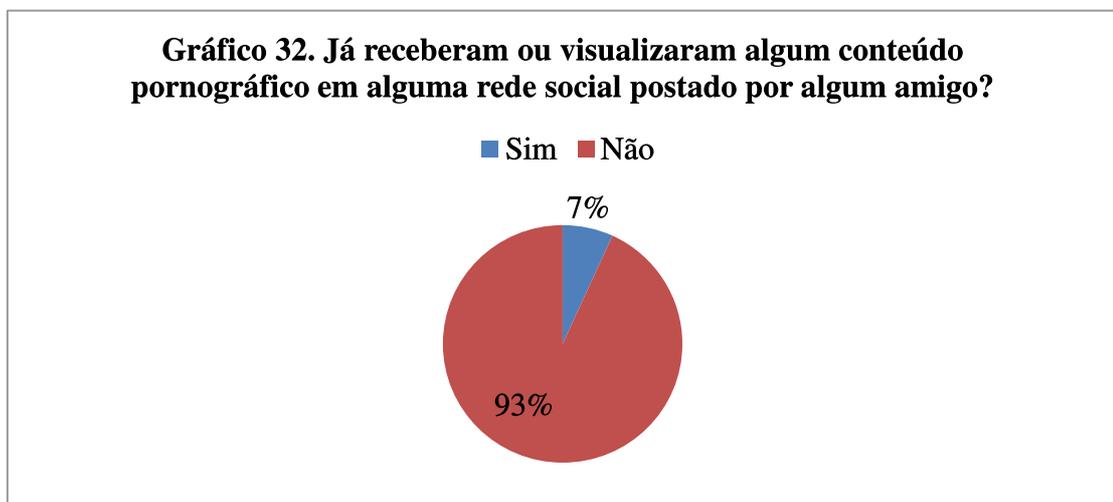


Ter fotos solicitadas em conversas virtuais não parece ser seguro nem para um adulto quanto mais para uma criança de 10 ou 11 anos, as crianças de 09 anos relataram não terem passado por tal situação. E para chegar a uma análise mais detalhada desse fato é necessário observar o **Gráfico 30**, que associado ao posterior permitirá uma reflexão mais equilibrada.

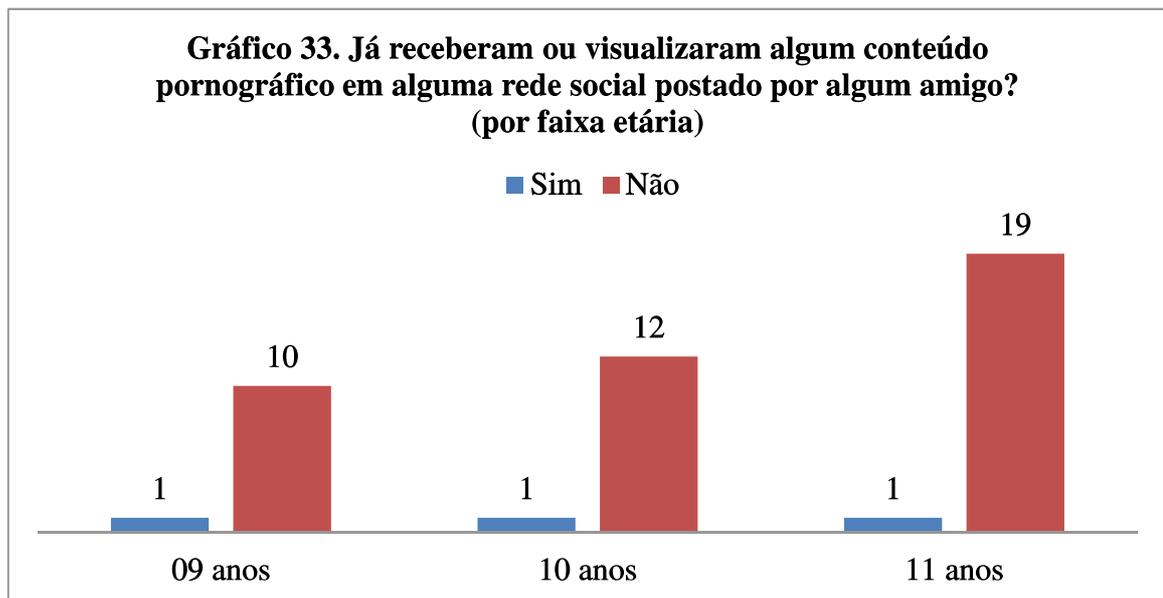


De acordo com o **Gráfico 31** analisando a questão tendo em vista os gráficos anteriores é possível observar que os meninos, e possivelmente os de 11 anos, são os que mais tiveram fotos solicitadas. Esses por sua vez já são mais abertos a curiosidades relacionadas ao corpo e a sexualidade, possivelmente podem até fazer uso dos ambientes virtuais de conversação com intenções relacionadas à afetividade. Mas as meninas mesmo sendo em um número menor também podem estar em situação de risco pois elas são mais propensas a buscar amizades para confidenciar as coisas do dia-a-dia, também são elas mais atentas e mais preocupadas com a aparência, moda, vida social e outros tantos fatores que podem servir de pontes para ataques virtuais.

Trocas de fotos e até o compartilhamento de imagens e conteúdos no ambiente virtual podem levar a criança a passar por situações que não são adequadas a sua idade, como fotos pornográficas e conteúdos eróticos postados por pessoas que se passam por *amigos*.



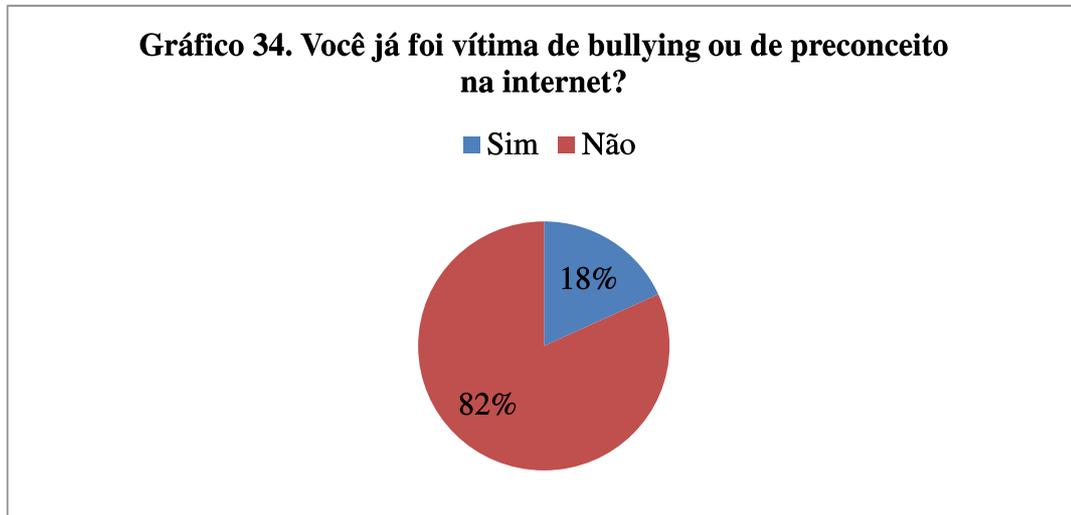
Embora para a criança seja um pouco constrangedor falar sobre essa questão da visualização de postagens relacionadas à pornografia, no **Gráfico 32** aparece que 7% dos entrevistados afirmaram ter tido acesso a tal conteúdo por meio de postagens feitas por seus amigos. Porém é válido ressaltar que o número pode ser ainda maior já que as crianças, em alguns casos, temem serem repreendidas ou chamadas a atenção por algo que possam ter feito de errado e que não seja do consentimento de um adulto.



Para detalhar melhor os dados obtidos no **Gráfico 33** e compreendê-los da melhor forma é importante analisar que as crianças, que possuem redes sociais, que afirmaram ter visto conteúdos pornográficos postados por amigos são duas meninas sendo uma de 09 e outra de 10 anos e um menino de 11 anos. Para essas crianças ter acesso a esses conteúdos é muito prejudicial pois poderá causar nelas falsas ideias, além de transmitirem valores errôneos do ponto de vista ético e moral. Nessa fase elas podem estar prontas para uma conversa ponderada sobre algumas questões relacionadas a sexualidade, mas não estão ainda preparadas para compreender outras tantas.

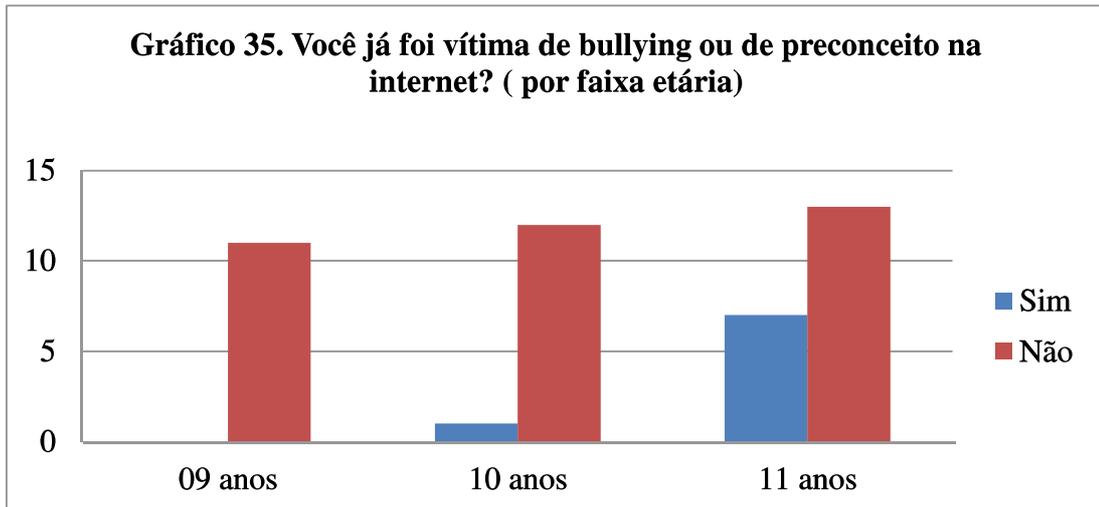
Geralmente os conteúdos pornográficos presentes na internet são possuem uma filtragem com relação ao público que terá acesso ao mesmo, eles simplesmente são disponibilizados de forma aleatória e podem chegar até as crianças de diversas formas e inclusive podem ser usados por pedófilos de plantão para encontrarem suas vítimas.

Outros fatores podem ainda afetar as crianças no mundo virtual como é o caso ciberbullying, ou seja, o bullying que causa tantos traumas nas relações sociais da criança também encontrou espaço na internet de acordo com **Gráfico 34**.

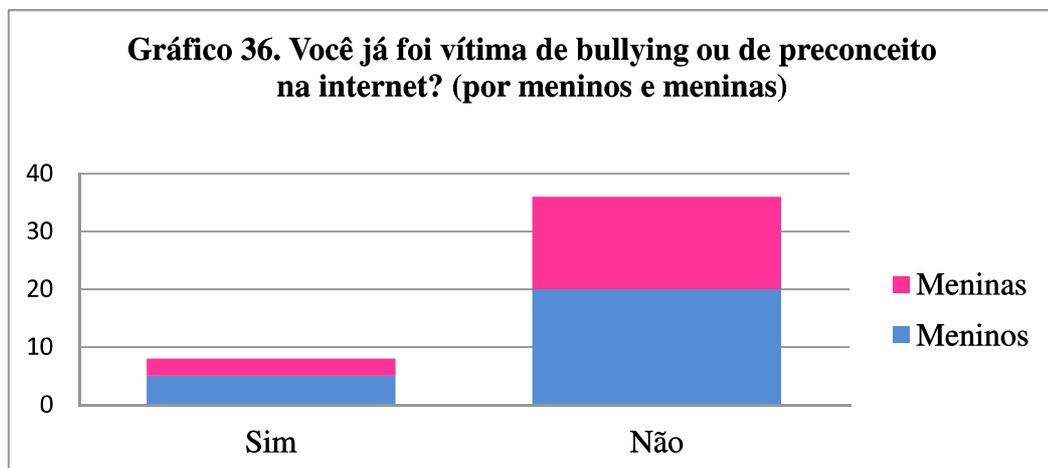


O mundo virtual tem sua enorme diferenciação do mundo real e algumas ações que são constantes na vida da criança acabam também sendo incorporadas as relações virtuais, um exemplo disso é o bullying que é tão falado e tão debatido, principalmente nos ambientes educacionais, como sendo prejudicial e causa de muitos traumas durante a infância. Como se não bastasse lidar com tal problema na vida real, o bullying encontrou adeptos nos espaços virtuais.

O bullying encontra no mundo virtual um espaço propício já que tudo pode acabar se transformando em piada e até os mínimos detalhes de uma foto ou de uma postagem podem ser observados e transformados em crítica negativa. 18% das crianças que participaram da pesquisa disseram que já foram vítimas de bullying virtual, o que torna esse tipo preconceito mais perigoso é o fato de que a sua disseminação pela internet é muito mais ampla do que na vida real, causando assim um constrangimento com proporções inimagináveis.

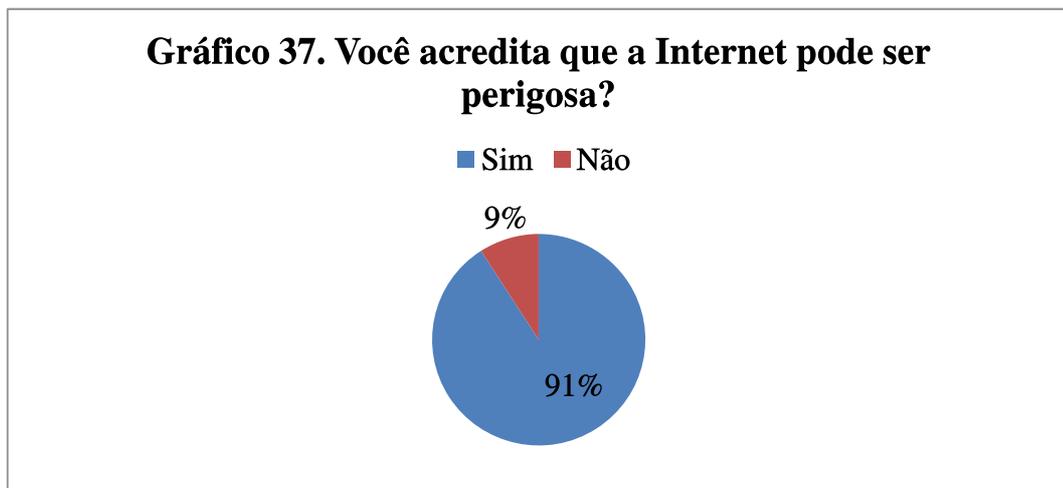


De acordo com o **Gráfico 35** os que mais sofrem com ações relacionadas ao bullying e ao preconceito por meio das ferramentas de interação na internet são as crianças de 11 anos, entre essas crianças se tornam até frequentes esse tipo *brincadeira* de muito mau gosto que podem ocasionar inúmeros traumas e trazer consequências futuras de dimensões inimagináveis.



Os meninos como constam no **Gráfico 36**, são mais vitimados com relação ao bullying e ao preconceito no mundo virtual. Os meninos são mais tendenciosos a comportamentos agressivos de forma física ou verbal do que as meninas, tais ações são retribuídas da mesma forma entre a maioria das crianças, e essa troca de humilhações e de agressões seja no mundo real ou virtual pode causar na criança uma infinidade de constrangimentos que fazem muito mal ao seu desenvolvimento.

Diante de todas essas informações apresentadas ficam evidentes que a internet oferece inúmeros riscos aos seus usuários se caso os mesmos não forem cautelosos em seu manuseio de informações compartilhadas nesse meio. Torna-se uma tarefa difícil quando se fala sobre crianças, já que para elas o virtual se mostra como um espaço mágico, de muitas diversões e de infinitas possibilidades de interação com o mundo. O problema é que embora a criança saiba que existem coisas perigosas na internet ela não consegue distinguir ao certo de onde vem esse perigo e nem como se proteger dele.



Como mostra o **Gráfico 37**, as crianças possuem consciência do perigo que há por trazer da internet, porém se forem analisados os gráficos anteriores apresentados neste estudo é visível que muitas das crianças entrevistadas podem estar em situações de riscos com relação aos crimes virtuais, embora tenham o entendimento de que a internet pode ser perigosa as crianças não têm a noção clara de onde pode vir esse perigo ou quando o têm ainda é de forma superficial e quanto às mesmas foram questionadas sobre o porquê elas achavam a internet é perigosa, muitas respostas chamam a atenção como se pode ver a seguir.

Criança A: *Porque ela pode dar ideias perigosas a cabeça de uma criança.*

Criança B: *Porque ela é viciante e podem ser perigosas algumas coisas que ela traz.*

Criança C: *Porque a internet é perigosa porque outras pessoas podem rastrear e podem ser vítimas de abuso sexual e é perigoso.*

Criança D: *Sim, pois os crimes estão se tornando cada vez mais comuns pela internet.*

Criança E: *Porque pode acontecer pedofilia e outras coisas.*

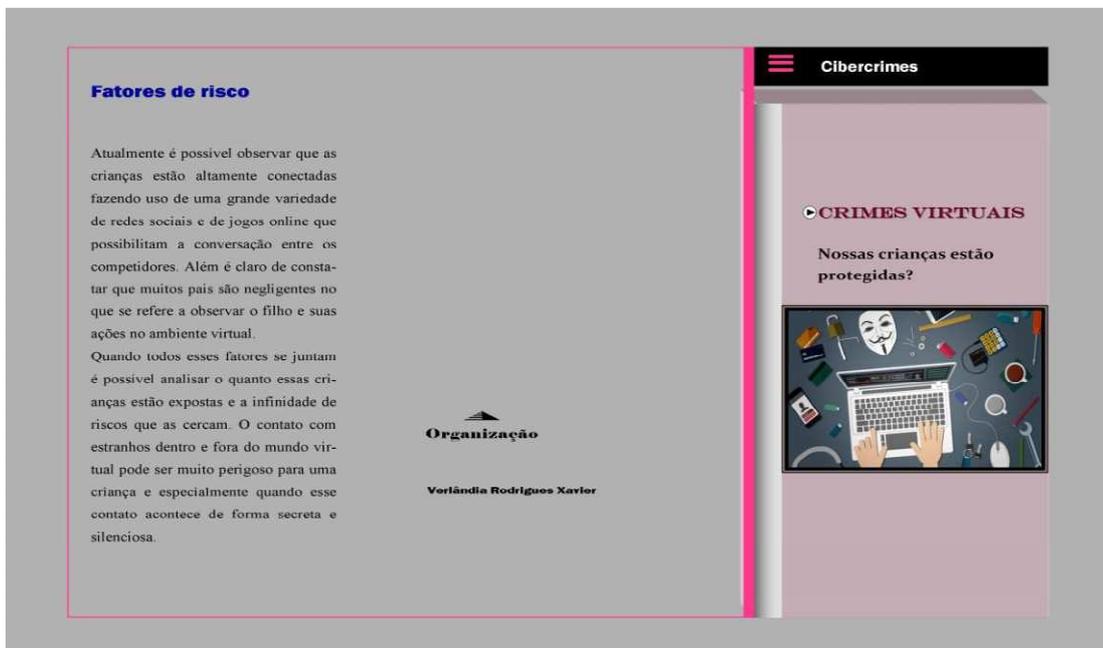
Criança F: *Porque eu já fui vítima de crime virtual, uma pessoa “rackeou” minha conta.*

É possível constatar que elas já têm uma noção de o que pode acontecer de ruim na internet, é provável que algum adulto já as tenha orientado ou algum meio informativo ou quem sabe até através da própria internet eles tenham tido acesso a essa orientação.

Nos relatos é importante observar que muitos crimes virtuais são citados de uma forma até um pouco imatura, porém condizente com a idade dos entrevistados. É justamente nesse cenário que é necessária a presença dos pais e dos educadores no que se refere a orientação e a formação das crianças em relação a suas ações dentro e fora do mundo virtual. Todo comportamento inadequado e prejudicial a criança deve ser observado e corrigido de forma uma forma que oriente a criança sem causar nela constrangimentos, possibilitando o correto conhecimento dos fatores de riscos, como eles podem atacar e como serem bloqueados de forma segura.

Conforme estabelecido na metodologia desta pesquisa, foi criado um folder educativo a partir dos conhecimentos adquiridos durante o estudo, com o objetivo de orientar e conscientizar pais e educadores a respeito dos cibercrimes e suas formas de prevenção.

#### Quadro 6 – Parte externa do folder



Fonte: Próprio autor

Como a dinâmica do folder é chamar a atenção para a capa, ou seja fazer com que ao ver a capa o leitor se sinta interessado pelo interior, foi adicionada uma imagem bastante condizente com a

área dos crimes virtuais já que os criminosos se disfarçam e assumem diferentes papéis para encontrarem suas vítimas.

### Quadro 7 – Parte interna do folder

☰
**As crianças e os crimes virtuais aos quais estão sujeitas no ciberespaço**



**Ciberespaço**  
O ciberespaço proporciona o acesso a diferentes oportunidades de estabelecer novas comunicações, o que facilita o contato com pessoas de diversos lugares e costumes. No entanto, para outros o ciberespaço é um território sem lei, um espaço a parte, fora de qualquer censura social, possibilitando o surgimento de redes invisíveis de criminalidade. E é justamente esta forma de compreensão do ciberespaço que preocupa muitos estudiosos, já que a partir dela tem se disseminado ações que violam direitos de crianças e adolescentes por todo o mundo.

**Crimes virtuais (Cibercrimes)**  
A infância on-line traz sérios riscos e oportunidades cujo entendimento é fundamental, os benefícios são inegáveis mas o que vem preocupando muitas pessoas é o fato do crescimento dos crimes cometidos no mundo virtual, chamados de cibercrimes.

**Riscos e possíveis crimes que podem afetar as crianças no mundo virtual:**

- Conteúdo ilegal;
- Pedofilia;
- Violência extrema ou sexual;
- Conteúdo ofensivo e prejudicial;
- Materiais e ações racistas e intolerantes;
- Marketing e publicidade ilícitos;
- Preconceito;
- Manipulação de informações pessoais;
- Cyberbullying;
- Cassinos, golpes e phishing (fraudes digitais);
- Danos auto infligidos (suicídio, anorexia);
- Invasões e abusos de privacidade, atividades ilegais (hackers, piratas).



**Como prevenir?**

- ⇒ Colocar equipamentos eletrônicos de acesso a internet em locais da casa que sejam de fácil observação;
- ⇒ Monitorar os acessos que as crianças fazem no ambiente virtual;
- ⇒ Estar atento ao tempo que a criança passa na internet;
- ⇒ Estar a par dos sites, chats e redes sociais que a criança utiliza, além

**Quer saber mais?**  
acesse o site:  
[www.safernet.org.br](http://www.safernet.org.br)

Fonte: Próprio autor

Na parte interna a preocupação foi de situar o leitor no território do mundo virtual esclarecendo algumas definições simples, seguidos de algumas orientações básicas, mas de muita importância para a compreensão a cerca do tema proposto, assim um direcionamento para que o leitor possa ter contato com dados mundiais relacionados aos crimes cibernéticos, como é o caso do site da Safernet que atente, orienta e direciona inúmeras pessoas que foram vítimas desse tipo de crime e também disponibilizam uma gama de informações e orientações para todos os interessados.

Este capítulo relatou de forma abrangente todos os dados obtidos durante a investigação proposta para este estudo, de maneira a contemplar todo o público amostral em suas diferentes características para assim estabelecer posicionamentos adequados e condizentes com os dados coletados.

## 5 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Este capítulo objetiva apresentar as considerações finais a cerca deste presente estudo de forma a relatar suas contribuições, limitações e espaços para futuros trabalhos relacionados à temática abordada.

Com o avanço das tecnologias móveis e sua popularização cada vez maior atingindo diferentes públicos em suas mais diversas faixas etárias, e com uma sociedade cada dia mais agitada e conectada é inevitável que a internet e suas possibilidades de interação com o mundo não chegue a grande parte das casas, das famílias, e de maneira mais específica, das crianças.

Com os pais e/ou responsáveis sempre atarefados a criança acaba sendo bombardeada com uma gama de dispositivos conectados a internet, que a divertem e a introduzem em novo ambiente cheio de possibilidades e de riscos das mais variadas formas.

Para se chegar a uma visão mais clara dos riscos aos quais as crianças estão expostas no mundo virtual foi desenvolvida uma ferramenta de coleta de dados, para se extrair as informações necessárias diretamente das crianças selecionada de acordo com a faixa etária preestabelecida, e aplicada em uma Escola Municipal de Vista Serrana-PB.

A partir das análises de resultado foi possível observar que as crianças estão altamente conectadas fazendo uso de uma grande variedade de redes sociais e de jogos online que possibilitam a conversação entre os competidores. Além é claro de constatar que muitos pais são negligentes no que se refere a observar o filho e suas ações no ambiente virtual.

Quando todos esses fatores se juntam é possível analisar o quanto essas crianças estão expostas e a infinidade de riscos que as cercam. O contato com estranhos dentro e fora do mundo virtual pode ser muito perigoso para uma criança e especialmente quando esse contato acontece de forma secreta e silenciosa.

Com base nos dados obtidos várias reflexões foram feitas visando estabelecer pontos importantes a serem reproduzidos posteriormente em um folder que trará informações e algumas orientações básicas a respeito dos crimes virtuais e das formas de denunciar tais crimes.

## 5.1 Contribuições

As ações realizadas durante a pesquisa possibilitaram analisar e constatar pontos e fatores importantes para o desenvolvimento do presente estudo, tais pontos mostram de maneira clara e bem ordenada que as crianças, embora conhecedoras de alguns riscos, acabam por facilitar de maneira indireta ou direta a ocorrência de crimes virtuais.

Outro ponto importante deste trabalho foi a exposição dos dados a partir das faixas etárias estabelecidas, além de fazer a mesma diferenciação dos dados separados por meninas e meninos, o que possibilitou uma visão ampliada dos fatos e o levantamento de hipóteses mais bem elaboradas a cerca da vulnerabilidade das crianças no mundo virtual.

E acaba sendo evidente a necessidade cada vez mais urgente do monitoramento dos pais e/ou responsáveis com relação a exposição de suas crianças nas redes sociais e nos ambientes de conversação como um todo. Evitando assim, constrangimento e até mesmo traumas futuros que podem prejudicar a formação da criança enquanto ser em desenvolvimento.

## 5.2 Limitações

Algumas limitações deste estudo derivam do fato de que como o público alvo para coleta dos dados eram crianças, alguns assuntos mais fortes do ponto de vista social não puderam ser trabalhados mais a fundo como, por exemplo, pedofilia virtual, violência sexual, danos outoinflingidos e outros mais. Dado que tais assuntos poderiam assustar a criança ou causar algum tipo de constrangimento.

Outro fator importante foi a dificuldade de compreender o sentido de algumas perguntas presentes no questionário ou até mesmo de responder de forma legível a questão aberta que foi inserida na ferramenta de coleta de dados.

## 5.3 Trabalhos futuros

A proposta de estudo apresentada neste trabalho é atualmente um ponto forte para investigação, já que a mesma apresenta inúmeras possibilidades de questionamentos e reflexões a cerca da infância e de sua essência, relacionando-se ainda ao crescente debate sobre a internet e sua inserção no cotidiano das pessoas e de suas famílias.

Para trabalhos futuros sugere-se que tais investigações fossem realizadas em cidades mais evoluídas do ponto de vista econômico e tecnológico, o que causaria uma análise um pouco mais diferenciada de uma mesma linha de estudo. Também seria muito interessante a aplicação da pesquisa em diferentes públicos com diferentes faixas etárias.

Esta pesquisa também pode ser adaptada para outros contextos, pois a internet é utilizada por distintas pessoas em diversas situações, mas independente de idade ou classe social, etnia ou localização geográfica muitas pessoas acabam sendo possíveis vítimas de criminosos virtuais.

O presente capítulo apresentou de forma sucinta os pontos mais importantes da pesquisa em suas dimensões gerais, além das possíveis ramificações que tal estudo pode alcançar mediante técnicas de coletas de dados em diferentes contextos.

## **REFERÊNCIAS**

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo*, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

Brasil. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]. *Estatuto da criança e do adolescente*. – 7.ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Lei nº 11.829, de 25 de novembro de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111829.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111829.htm). Acesso em 03 de outubro de 2016.

BRASIL. Lei nº 12.737, de 30 de novembro de 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm). Acesso em 01 de outubro de 2016.

COURI, Gustavo Fuscaldo. *Crimes pela Internet*. EMERJ. Rio de Janeiro. 2009.

CRUZ, Ruleandson do Carmos. Preconceito social na Internet: a reprodução de preconceitos e desigualdades sociais a partir da análise de sites de redes sociais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.17, n.3, p.121-136, jul./set. 2012.

DIAS, Camila Barreto Andrade. Crimes virtuais: As inovações jurídicas decorrentes da evolução tecnológicas que atingem a produção de provas no processo penal. Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/20888860.pdf>. Acesso em 01 de outubro de 2016.

DIEHL, Astor Antonio. Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DONEDA, Danilo. ROSSINI, Carolina. Proteção de dados de crianças e adolescentes na internet: TIC Educação 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. p, 37-46. 2015. EISENSTEIN, Evelyn. ESTEFENON, Susana B. Geração digital: Riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto, UERJ*. Ano 10, Agosto, 2011.

FERREIRA, Ivette Senise. Direito & Internet: aspectos jurídicos relevantes. 2 ed. São Paulo: Quartier Latin. 2005.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em : [www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf](http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf). Acesso em 09 de Maio de 2016. FREIRE FILHO, João. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. *Revista ECO-PÓS*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 6, n. 1, p. 72-97, 2003.

GIL, Antônio Carlos, 1946 – Como elaborar projetos de pesquisa/ Antônio Carlos Gil. 4. Ed., São Paulo: Atlas, 2002.

GUZZI, Drica. Proibir, vigiar ou regar o uso das redes sociais por crianças. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. p, 47-52. 2015.

HENRIQUES, Isabella Vieira Machado. Publicidade abusiva dirigida à criança. Curitiba: Juruá, 2010.

IBGE <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/familias-e-domicilios.html>. Acesso em 26/07/2016.

IBGE <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/familias-e-domicilios.html>. Acesso em 26/07/2016.

KARAGEORGIADIS, Ekaterine. TOLEDO, Renato Godoy de. A comunicação mercadológica direcionada à criança na internet e a finalidade social da rede. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. p, 69-77. 2015.

LIMA, Bruno Teles O. ROCHA, Joana D'arque da C. GOMES, Karla Daniella X. QUEIROZ, Rodrigo Bezerra Remígio de. BITENCOURT, Ricardo Barbosa. Cyberbullying: Estudo introdutório sobre o conceito e sua presença no IF-sertão pernambucano – Campus Petrolina-PE. Julho, 2012.

LIVINGSTONE, S. Children and the Internet. Cambridge: Polity Press, 2009.

MANN, Peter H. Métodos de investigação sociológica. 3.ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

MARTINS, P. C. R. (Org.). Pedofilia e internet: a intervenção do Estado e o poder econômico. Justiça do Direito, Passo Fundo, v.21, n.1, p.64-73. 2007.

MASKIN, Eric. Pirataria no Brasil radiografia do consumo. 2007. Disponível em: <http://www.fecomercio-rj.org.br/media/estudo.pdf>. Acesso em: 03 de outubro de 2016.

MELO, Celso Eduardo Santos de. Racismo e violação aos direitos humanos pela internet- Estudo da Lei Nº 7.716/89. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Direito)- Faculdade de Direito da USP. São Paulo. 2010.

MONTEIRO, Renato Leite. Cibernética: A invasão da Privacidade e da intimidade. XVIII Congresso Nacional do CONPEDI. São Paulo. Nov, 2009.

MONTIGNEAUX, Nicolas. Público-alvo: crianças. A força dos personagens e do marketing para falar com o consumidor infantil. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

MORGENSTERN, Grasielle Giusti. TISSOT, Tania Regina Gottardo. Crimes cibernéticos: phishing – privacidade ameaçada. XXIII Seminário de Iniciação Científica. FEMA. Rio Grande do Sul. 2015.

MORI, Michele Keiko. Direito à intimidade versus informática. Curitiba: Juruá. 2010.

Nejm, Rodrigo. Mediações para as boas escolhas em tempos de mobilidade. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. p, 101-110. 2015.

Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Disponível em: [http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto\\_livreto.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf) . Acessado em: 21 de julho de 2016.

PAULA, Maria Anunciada Nery Rodrigues de; CARVALHO, Aurean de Paula. O gênero textual folder a serviço da educação ambiental. Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas - UFSM, Santa Maria Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental - REGET e-ISSN 2236 1170 - V. 18 n. 2 Mai-Ago. 2014, p.982-989.

REIS, V. A. Ana e Mia na “nova” rede: comunidades reúnem anoréxicas e bulímicas na Web 2.0. Rumores, São Paulo, v.1, n.2, p. 1-10, 2008.

SANDERSON, Christiane. Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores pra proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia. São Paulo: M. Books, 2005.

SCHWARTZ, Gilson. Os videogames e a morte dos professores. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 1 ed. p, 87-91. Dezembro, 2013.

SÊMOLA, Marcos. Inteligência da fraude. Disponível em: <[http://www.semola.com.br/disco/Coluna\\_IDGNow\\_93.pdf](http://www.semola.com.br/disco/Coluna_IDGNow_93.pdf)>. Acessado em 04 de maio de 2016.

SILVA, Rosane Leal da; VERONESE, Josiane Rose Petry. Os crimes sexuais contra crianças e adolescentes no ambiente virtual. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XII, n. 69, nov 2009. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=6634](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6634)>. Acesso em maio 2016.

THOMPSON, S. The Internet and its potential influence on suicide. *Psychiatric Bulletin*, 25, 449-451. 1999.

TOLEDO, Priscilla Bassitt Ferreira. O Comportamento da Geração Z e a Influência nas Atitudes dos Professores. Simpósio de excelência em gestão e tecnologia. Rio de Janeiro. Out, 2012.

ZUBEN, Miriam von. Crianças de 5 a 8 anos usuárias de internet: desafios e recomendações para pais e educadores. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015.